

Comédia famosa. O cerco da grande cidade de Deus pelo rei de Sicília, devoção pelos defuntos ou triunfo das almas

Organização, introdução e notas de
António Bárbolo Alves
(Bolsheiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia
e do Ministério da Educação)

FICHA TÉCNICA

Título: *Comédia famosa. O cerco da grande cidade de Deus pelo rei de Sicília, devoção pelos defuntos ou triunfo das almas*

© Centro de Estudos António Maria Mourinho e António Bárbolo Alves

1ª Edição: Março de 2008

Edições do Centro de Estudos António Maria Mourinho

Biblioteca Municipal

Rue de l' Cumbento, s/n

5210-021 MIRANDA DE L DOURO

centro.amm@gmail.com

<http://ceamm.no.sapo.pt>

<http://tpmirandes.no.sapo.pt>

1. Versões existentes no Centro de Estudos António Maria Mourinho

No CEAMM há três cópias correspondentes a duas versões distintas. Uma versão, a partir da qual se fez a edição digitalizada, tem 33 páginas, existindo duas cópias no CEAMM. A outra, de que só há um exemplar, tem 36 páginas. Os textos, embora muito próximos, apresentam algumas diferenças que nos levam a supor que a fonte de cada um deles é diferente, não se tratando, portanto, de cópia um do outro.

A nossa edição interpretativa baseia-se na mesma versão de que fez a edição digitalizada, ou seja, aquela de que dispomos de duas cópias. Contudo, ao longo do texto, acrescentámos, entre parênteses rectos, as formas ou versos que não constam dessa versão, informando igualmente, em rodapé, sobre muitas diferenças ou variantes ortográficas.

2. Origens

Segundo informa António Maria Mourinho num artigo publicado na Revista *Ocidente*, Volume LI (1956), tinha em seu poder um manuscrito intitulado "*Mística cidade de Deus, auto de devoção pelas almas do Purgatório*". Acrescenta aquele investigador que o texto deve ser uma "tradução do espanhol" e que "veio de Ifanes, Miranda".

Como já informámos, as versões existentes no CEAMM já se encontram dactilografadas. Contudo, é de supor que tenha sido o próprio António Maria Mourinho a fazer essas cópias, tendo o manuscrito desaparecido.

Relativamente à origem, encontramos, de facto, muitos castelhanismos que permitem estabelecer uma ligação muito próxima entre as nossas versões e uma suposta versão, anterior, em castelhano. Porém, não conhecendo essa hipotética versão, é igualmente de supor que o seu autor seja um castelhano radicado na Terra de Miranda, em Ifanes ou Caçarelhos, como informa a nota escrita na última página de uma das versões:

Copeado em Duas Igrejas por José Tomaz Pires, provém de Ifanes e Caçarelhos, passado nas Ilhas da Itália.(Europa).

Duas Igrejas, 23 de Abril de 1927, José Tomaz Pires.

José Tomaz Pires de Duas Igrejas do Concelho de Miranda do Douro, o copeou por um de Ifanes pertencente ao Senhor Matola, natural de Caçarelhos, concelho de Vimioso e residente na freguesia de Ifanes do Concelho de Miranda do Douro, Trás-os-Montes, Portugal.

José Tomás Pires

Duas Igrejas, 1 de Agosto de 1938

De referir igualmente que podemos encontrar numa página web a referência a uma história ou lenda muito idêntica à que está na base da nossa “comédia” e que merece, em nosso entender, ser transcrita.

Eusébio, duque da Sardenha, que terá vivido no século XIII, era muito devoto das almas do Purgatório, consagrando-lhes uma das suas cidades, Villadio (ou seja, cidade de Deus). Astórgio, rei da Sicília e nada devoto das Almas, resolveu conquistar essa cidade, munindo-se para tal de um poderoso exército muito superior ao do duque. Este reuniu as suas tropas, embora consciente da inferioridade do seu exército. Ora, na batalha, viu juntarem-se-lhe numerosos soldados, vestidos de branco, gritando que vinham combater em nome do Rei do Céu. Astórgio fugiu, em debandada. O Duque quis conversar com o comandante daquelas tropas para lhe agradecer o auxílio. Mas este respondeu que eram Almas do Purgatório, libertadas pelas suas orações e sufrágios e enviadas para combater ao seu lado.

Ver: <http://www.preghiereagesuemaria.it/libri/il%20purgatorio%20nella%20rivelazione%20dei%20santi.htm>

3. Representações

Não temos notícia de nenhuma representação que tenha tido lugar na Terra de Miranda.

Pessoas que falam

Um Bispo
Um Conde Fabriço
D. Rodrigo
Um rei Baltazar
A Infanta Cacilda
Fernando Gracioso
Marquez de Calábria
Romeiro Vandoleiro
Dom Alcaide
Um rei de Candia ou o príncipe
Luduvicos ou Luiz
Um menino da Infanta
Cacilda
Lusbel
Um exército de almas que vão defender a
cidade de Deus sendo capitão delas D.
Rodrigo

PRINCÍPIO

Bispo
Ó rainha do céu império,
Manancial das vivas *ágoas*,
Refúgio¹ dos pecadores
Maria cheia de graça.
Título deste templo,
De Deus aqui colocada
Padroeira d'esta cidade
Em *logar* das minhas esperanças;
E com que gosto admitida
Pois estais tão venerada,
Da cidade que é fundada
Deu fim a obra cumprida
Permiti, excelsa² mãe
Concedei-me Virgem Santa
Que o meu fim e o de meu irmão
E o Conde Fabriço vá
Em aumente pelos seus
Esta devoção tão Santa
Que é rogar pelos defuntos
Que estão na Graça de Deus.
Para que seus corações
Se imprimam e suas almas

¹ Em ambas as versões a forma que nos aparece é “refugio”. Contudo, refúgio parece-nos ser a mais correcta.

² Na versão que está na base desta edição interpretativa lê-se “eccelsa”. Na outra versão existente no CEAMM lê-se “santa”.

Gozem da Glória e de vós
Na celestial morada.
Para isto tenho gastado
Todas as minhas rendas
Por isto tenho passado
Trabalhos, fadigas e contendas
Por ver o templo acabado.
Pois hoje deu fim a obra
Tão maravilhosa e rara
Que tanto a Deus agradará
Em cânticos e louvores
Ressoe a música e acorde
Publique a voz sua fama.

Música.

Viva a cidade de Deus
E viva a nossa flauta
Pois desta cidade ao céu
Se conduzem muitas almas.

ALCAIDE

Ânimo, Ânimo,
Pilotos lá sobre a noite
Que já as muralhas altas
De *Cerdenba*³ se descobrem.

*A este tempo haverá “rogido”, que se vem
desembarcando pelo mar:*

BISPO

Olá, *centinela* e guardas
Que *estronda* a novidade é essa?

Sai o Alcaide com pressa. Diz o Alcaide:

É nosso irmão, que acaba de chegar
Agora ao porto de *Cerdenba*.

Vai-se o Alcaide.

BISPO

³ Conforme informa a nota que se encontra no final do texto a “história” passa-se nas “ilhas de Itália”, pelo que se deveria ler Sardenha. Contudo, seguindo os nossos critérios de edição, e uma vez que esta grafia não obstaculiza a compreensão, mantemos a grafia original. Note-se, por outro lado, a proximidade desta grafia com a forma castelhana *Cerdeña* que, como se descobrirá ao longo do texto, pode denunciar a “origem” ou existência de uma versão anterior em castelhano.

Tua vinda ignoro
Não sei o que alma me anuncia
Em tal *passagio*⁴ como este
Muito temo a tua jornada.

Sai o Conde Fabrício e diz:

CONDE
D. Andrés, irmão?

BISPO
Conde?
Desta viagem empenhado
Com que à *Cerdenha* és chegado
A mim medo corresponde;
Nunca contente cumprido
Pois agora que em estado
De ver meu gosto *acavado*
Um desgosto hei recebido;
Para chegar desta sorte
Sem saber da tua vinda,
Prognóstica é a minha vida
De um lance terrível e forte.
Irmão, que novidade
À *Cerdenha* te há trazido!
Acaso vindes *fogado*?
[A que vindes conde]. Falai-me?

CONDE
Só que me escuteis pretendo
Que tem mistério prudente.

BISPO
De tua voz estou prudente.

CONDE
Pois atende.

BISPO
Já te atendo.

CONDE
Sabeis D. Andrés, irmão,
Que o que teve *liverdade*

Para governar um rei
Em seu palácio real
Também o poderá ter
Para dizer a verdade.
Não sei como vos declare
Eu sei que não duvidais,
Que o pecar é para os homens,
E de Deus o perdoar.
Por morte de nosso pai,
Vós o condado herdais,
E por tirar pela Igreja
Vós em mim o renunciáis;
Desteis-me o Condado a mim
E como vosso irmão me honrais
Saveis que com vossas rendas
Fundámos esta Cidade
E *edifiquemos*⁶ um templo
Que segundo vejo já
De todo deu fim à obra
Em ela sei que colocais
A Imaculada Virgem
Da Graça por titular.
Fundastes gran confraria
E mandastes que a rogar
Viessem pelos defuntos
Todo o povo em geral.
Por meu braço e por minha espada
Foi temido pelo mar,
E em todas essas fronteiras
Dei provas de General
Achei-me em várias batalhas
E o estandarte real
Ganhei uma vez ao *Granterão*
Matando ao *solemne Soltão*
Como morreu não direi
Porque é muito que falar
Por estas e outras façanhas
Dignas de nomear.
Baltazar rei da Sicília
Ma mandou logo chamar
Seis anos como sabeis
Sirvo ao gran rei Baltazar
De secretário e agora
De copeiro maior
Tem me sabido⁷ a fortuna
A tão supremo *logar*
Que a temo e com razão
Que em efeito sou mortal.
Mas não quero referi-lo

⁴ Esta forma poderia denunciar a italiana “passaggio” (passagem), indicando que o texto teve também uma versão italiana. Contudo, na outra versão lê-se “pressário” pelo que a forma mais adequada, neste contexto, parece ser “presságio”.

⁵ “á”, por “há”, na outra versão.

⁶ Por “edificámos”.

⁷ “subido”?

Pois não ignorarás
Vamos ao que nos importa
Que é o que aqui me trás:
A Infanta formosa Cacilda
Filha do rei Baltazar
Pôs os olhos em mim,
E eu nela e deu *logar*
*Fo*⁸ assisti-la uma noite
Com meu bizarro⁹ disfarce
Deu-me entrada em sua cela¹⁰
E para dizer a verdade
Amantes os dois ficámos
E sem podermos¹¹ falar
Com os olhos, línguas mudas
Nós tratámos de explicar;
Rendidos ficámos ambos
Nem ela menos nem eu mais
Porque ela ficou sem vista
E eu hei-de falar a verdade
Cego me olhei à luz
Daquela formosa de idade;
Ainda que tinha presente
Que era pessoa real
Não me tinha eu por menos,
E vós Santo Cardeal
Save Deus e eu o sei
Que a ocasião deu *logar*
Aos sonhos que aos homens cegam
De querê-la estimar
Já tenho dela um filho
De três anos algo mais
E seu pai o rei se diz
A determina a casar
Com esse rei de Candia
Segundo hei sabido já;
E se a sua notícia chegar
A vida nos tirará;
E o castigo da Infanta
É o que eu temo mais.
Isto é o que me obriga
Em segredo a chegar cá
Para que a Sicília passes,
Onde nos possa casar
Com silêncio e em segredo
Que ela resolvida está

⁸ Por “fui”.

⁹ “vizarro”.

¹⁰ “Celda”.

¹¹ A forma que nos aparece no original é “pudermos” (futuro do conjuntivo). No entanto, como se depreende do contexto, a forma correcta é a do infinito pessoal ou flexionado “podermos”.

A ser minha esposa
E eu dela. Que ma apraz.
Isto venho a suplicar-vos
A isto minha vinda há sido
Só a isto e nada mais
De vosso auxílio me ampare
Bem conheço que fiz mal,
Ao feito não há remédio
Olhai lá que me aconselhais.

BISPO

Muito sinto, Conde irmão
A notícia que me dais
Que se o segredo se sabe
Ambos vos arriscais
Que Baltazar é soberbo
E há-de querer-se vingar
Mas a Infanta, Conde irmão
Ela quer com vós casar?
Tem-vos amor?

CONDE

É tão grande a amizade
Que em seu coração me tem
E em meu coração está.

BISPO

Pois antes que vos ache menos
Vos podereis ir embarcar
Para Sicília, que eu
Em breve irei visitar
Ao rei e a infanta bela
E se resolvida está
Em tomar com vós estado
Eu vos irei casar.

CONDE

Deixai que vos *veije* a mão
Como bispo e como irmão
Mas dizei-me, Rodrigo,
Meu sobrinho, onde está?

BISPO

Em seu quarto o contemplo
Ocupado a estudar
Seu engenho é peregrino
E é muita sua habilidade
Grande *ensbelo*¹² tem custado
Para ver de o ensinar
Mas premiado vê-lo espero

¹² Por “desvelo” (cuidado, dedicação)?

Tanto trabalho e *afam*¹³
Entrando em religioso
Que este estado lhe hei-de dar
Porque é estado mui grande
Ser pregador e cantar.

CONDE

Deus vos o deixe cumprir
Pois tanto disso gostais,
E assim com vossa licença
Me parto já a embarcar
A servir em seu palácio
Ao grande Rei Baltazar
Da minha ausência não *save*
E darei que suspeitar
Se à sua notícia chegar
Que vim a esta cidade.

BISPO

Deus em bem vos leve irmão
E eu pensarei em rogar
Desta luz quanta quereis
Porque possais *augmentar*
A devoção dos fiéis.

CONDE

O mesmo farei por lá.

Vão-se. Descobre-se Rodrigo sentado a uma mesa com livros, vestido de hábitos de frade franciscano e o retrato de uma mulher.

RODRIGO

De que serve o meu desvelo¹⁴
Se me causa cruel guerra
De que serve ter aqui
Estes livros ao meu lado
Haver ciência¹⁵ estudado
Mais que ninguém¹⁶ cá na terra?
Se eu estou enamorado
Vendido e apaixonado
Com um contínuo desvelo¹⁷?
Eu vi um sol aparecer
Mas se bem se considera
Vi uma dama: Luz Bela!
Vi o céu numa mulher;

Mais prendas vi tão *bellas*
Nesta¹⁸ mulher constante (*mostra o retrato*).
Que sua boca é um diamante
E seus olhos são estrelas
Eu não sou meu, já estou
Fora de mim, porque vivo
Em o amor discursivo
Pois senhor de mim não sou.
Este retrato me há enviado
Quero vê-lo (*mostra o retrato*).
Que rosto bem formado
Formosa dama bem *argido*
Quem tanto bem conheceu
Só isto é que me faltou
Para ser escravo tou¹⁹.
Adoro-te com lealdade,
E firme serei em adorar-te,
E para mim mais bem amar-te,
Pois em ti minha vontade
Já por ti os livros deixo
Firme serei em adorar-te
E eles se esquecerão
Firme serei em amar-te
Pois é conselho mais são.

Levanta-se, atira com os livros e colga os vestidos ou hábitos.

RODRIGO

Por esse chão ultrajados
Vos queixareis com razão
Desta vil infama acção
Vendo-vos já desprezados!
Hábito funesto com pressa
Aqui hás-de ficar colgado
Que já estou enamorado
Já não quero continuar²⁰ missa
Nem ao menos por promessa,
Não duvido do rigor
Te queixarás²¹ com razão
Desta vil infame acção,
Mas isto causa o amor.
Sinto deixar-vos assim
Vestidos *enbergonhados*
Vendo-vos assim colgados

¹³ Por “afã”.

¹⁴ “disvelo”.

¹⁵ “sciencia”.

¹⁶ “nemguem”.

¹⁷ “disvelo”.

¹⁸ “Esta”.

¹⁹ Esta forma corresponde à forma mirandesa do pronome possessivo que assim passou a rimar com “faltou” e não com “conheceu”.

²⁰ “cantar”, na outra versão.

²¹ “quexaras”

Podeis-vos queixar de mim,
O quarto quero cerrar
Que virá meu tio Bispo
A ver-me e vendo isto
Comigo se há-de *enraivar*.
Quer²² que no doce aprisco
Eu apresente o meu ano²³
Nesse crescido rebanho
Do seráfico fraidisco.
Para frade havia estudado
Essa carreira seguia
Mas vi esta estrela e me guia
A esta senda e a outro estado.
(*mostra o retrato*).

Adeus livros e vestidos
Da sacerdotal roupagem
Que eu vou buscar outro *trage*
Ferido do Deus Cupido²⁴.

Vai-se e sai o bispo.

BISPO
Já por instantes bem juntos
Com grande veneração
Se entende a devoção
De fazer bem pêlos defuntos
Ao quarto do meu sobrinho
Rodrigo, hei chegado²⁵ já
Mas ele estudando estará
Que seu estudo é peregrino
Seu engenho é agudo bem
Mas verei em que se entretém.

*Abre a porta, vê os livros estrampalhados, vê os
hábitos colgados e diz:*

BISPO
Que é isto! Ó céus divinos!
Meu Deus que vêem meus olhos!
Os livros estrampalhados!
E os hábitos colgados!

Destas portas e ferrolhos!
Rodrigo, sobrinho amado?
Que novidade, onde estás?
Como assim penas me dás
Desta sorte me há deixado?
Porque vendo o que vejo
Dás claro a entender (*levanta os livros*)
Que tu te tens esquecido
Por algum desejo vão
Ou com alguém tomaste amor.

Sai o Alcaide e diz:

ALCAIDE
Que me manda meu Senhor?

BISPO
Há certo temor
O meu coração *transpassa*
Haveis visto o meu sobrinho?

ALCAIDE
Pelo palácio turvado²⁶
Sem hábitos vai correndo,
Vestido de leigo dizendo,
Que já quer²⁷ ser casado.

BISPO
Cala-te, não digas mais,
Que morro de haver-te ouvido,
E de tua boca²⁸ sabido
Tão desarregado azar!
Que me serviu que estudasse
Tanta *sciencia* e teologia
Se o prazer que eu trazia
Com ele se desvanecia.
Hei-de ralhá-lo e aconselhá-lo
A ver²⁹ se torna para Frade
Caminho tão verdadeiro.
A Sicília passarei,
E comigo o levarei,
E do rei aconselhado,
Seu intento mudarei
Vou determinar a partir
Minha jornada seguida
A consultar com El-rei,
No palácio em Sicília.

²² “Quere”.

²³ Este verso não parece fazer muito sentido, denotando assim os eventuais “erros” de transcrição. Talvez o desconhecimento da palavra “aprisco” (curral, redil) tenha contribuído para essa transformação do verso que deveria ser, em nosso entender, o seguinte: “Eu apascente o meu gado”.

²⁴ “cuprido”

²⁵ “chagado”.

²⁶ “torbado”.

²⁷ “quere”.

²⁸ “voca”.

²⁹ “A ver”.

ALCAIDE

Nada falta que prevenir,
Vossa eminência Senhor;
Pode partir ao momento.

BISPO

Queira Deus que em breve tempo
O veja eu em bom rigor.

ALCAIDE

Assim o queira Deus Senhor.

(Vão-se). Sai o Marquez como de noite e diz:

MARQUEZ

Bem conhece que é uma acção,
Temerária, esta que entendo
Neste *assumpto* violento
Indigno³⁰ deste *vastão*;
Quem com amor e ciúme³¹,
Teve discurso jamais³²
Que o amor nunca lhe dera
O atributo de cego.
Suspeita certa eu tive
Que o Conde atrevido valente
Amante e adora a Infanta
E assim, com cautela e intento
Espera-la no jardim
E descobrir-lhe o meu peito
Para que *saiua* que a adoro
E se não atende a meus rogos
Com excessos violentos
Hei-de forçar sua honra
Estes são os meus intentos
Aqui oculto entre esta mata
Amante atrevido a espero
Aqui me retiro.

Retira-se.

“Sae” o Conde como de “noute” e diz:

CONDE

Agora que em sossegado³³ silêncio
Está neste sítio a Infanta
Prevenida ao nobre intento

Vigilante virá a ver-me
Para saber o sucesso,
Daquela viagem a *Cedanba*
Neste jardim a espero;
Valha-me Deus que de sustos
Ocasione o amor cego,
Que cobarde é o delito!
Pois de Candia é certo
Que com a Infanta pretende
Era lançar o jugo estreito
Do matrimónio e sem dúvida
Correm nossas vidas perigo.

MARQUEZ *à parte, diz:*

Giga [sic] Deus, que este é o Conde
Que a amante a este *logar* veio
Aqui oculto hei-de *saver*
Se é certo o meu receio.

“Sae” a Infanta disfarçada com chapéuzinho e capa e diz:

Amante e determinada
Em o confuso silêncio
Esta noite vim falar
Ao Conde, meu doce esposo
Como a tanto que já
Ausente de mim está
Cada minuto que passa
Por um ano o considero
E para que meu pai o não saiba
Assim disfarçada venho
Mas além *descrebo* um vulto
Farei a senha primeiro;
Que deixei ao Conde porque
Não se descubra meu peito;
E chegue a meu pai o rei,
Notícia de tal segredo (*anda*)
Ah! Cavalheiro, sois vós;
Quem o *jarmim*³⁴ branco e tenro
Colher *ententá-lo* aurora?

CONDE

A esperança me dá alento
Que o Jasmim sem esperança
Viver não pode um momento.

INFANTA

Conde, esposo?

³⁰ “Endigno”.

³¹ “ceume”.

³² “já mais”.

³³ “sossegado”.

³⁴ Na outra versão lê-se “jasmim”.

CONDE
Infanta bela?

INFANTA
Muito às tuas finezas devo.

MARQUEZ, *à parte*.
Cautela minha atenção
Esta é a Infanta, ver quero
O que os dois determinam
Em o confuso silêncio
Pois vem assim disfarçada
Encerram algum segredo.

INFANTA
Foi feliz, vossa viagem?

CONDE
Foi tão feliz, doce esposa
Que lograremos infanta
O fim a que estás disposta.

INFANTA
Em que se ocupava o Bispo?

CONDE
Em dar as graças ao Céu
De ver o seu gosto cumprido³⁵
Posto deu fim ao templo,
E a Cidade Sacrossanta³⁶,
Donde fundada nós temos
Uma Santa confraria
Donde grandes e pequenos
Fazem bem pelos defuntos
E tanto se vai estendendo
Esta devoção tão santa
Que não duvido que aos Céus
Sirva de muita alegria
E dê muito alívio a elas
Contei-lhe, Infanta, o estado
Do nosso numeroso affecto
E como um filho a nós dois
De três anos nos dá o Céu
Sem que em palácio nenhum,
Se haja sabido o segredo
Apenas lhe contei o que referido
Ficou Infanta de vir,
A casar-nos mui ligeiro.

³⁵ “comprimdo”.

³⁶ “Sacrossanta”.

INFANTA
Queira o Céu que isso se faça!

CONDE
E eu suplico aos Céus
Que o rei teu pai não saiba
O que em confuso silêncio
Há estado calado tanto,
E não há descoberto o tempo
Ainda que te quero e adoro
E por esposa te tenho
E não pode ser delito³⁷
Quando o fim é tão honesto
A soberba de teus pais
Infanta é a que eu temo.

INFANTA
Como sejas meu esposo
Maior fortuna não espero.

CONDE
Grande lealdade, querida Infanta
Ao vosso carinho devo.

INFANTA
Serás meu Esposo?

CONDE
E vós minha?

INFANTA
Vós meu amante?

CONDE
Vós minha dona?

INFANTA
Vinde a ver a meus *paes*
A quem prevenido tenho
Que a causa da vossa ausência
É um caso de instrumento (engenho).

CONDE
Sempre estarei confessando
Que a alma e a vida vos devo.

³⁷ No nosso dactiloscrito encontramos a forma mais antiga “dilicto” (< latim delictu). Na outra versão lê-se “dileto”.

INFANTA

E eu, Conde, estarei sempre
Amando e agradecendo.

Vão-se. “Sae” o Marquez:

Que é isto que eu vejo?
Confuso estou e admirado
Será isto certo ou sonhado?
A Infanta do Conde um filho!
Como meus raivosos *ceumes*
Não matam o Conde e a Infanta?
Mas não! *Dessimulemos* vingança,
Que ao rei eu lhe darei parte
Pois com o peito que intenta
Fazer, loucamente cego
De casar-se com a Infanta,
Sem que o rei, *saiva* o sucesso:
Lhe há-de seguir contra o Conde
Guerras civis e incêndios
E deste modo darei
Aos meus remorsos triunfo.

*(Vai-se) “Sae” Rodrigo enfadado e o Bispo
atrás e diz:*

RODRIGO

Não tendes que porfiar meu tio
Que eu não hei-de querer,
Vosso gosto que é morrer,
Só estado hei-de tomar,
O estado que escolher
Voluntariamente são
Bosquei outro para mim
Meu gosto todo atropela
Já os livros esqueci
Adora minha fé aqui
Esta espada e esta estrela.

Mostra um punhal e um retrato.

E em acção tão impotente
Não direis que me guiou
Que os meus olhos alumiou
E me deu bastantes luzes,
Pois hei-de seguir sempre a ela
E não hei-de poder fazer
Que eu esqueça esta *molher*,
Porque é sol, lua e estrela;
E assim deixai-me seguir
A felicidade ou fortuna

Que Deus me tem destinada
E assim a Deus hei-de servir.

BISPO

Oh! Quanto sinto Rodrigo
Esta novidade prolixa
E não queres que eu me aflija
Havemos³⁸ feito contigo
Tantos extremos de amor!
Ensinar-to tantas *sciencias*,
Sofrer-te as impertinências
E agora dar-me esta dor?!

RODRIGO

Não vês que sou de *Cerdenha*
Meu coração é de penha?

BISPO

Que isto cause uma *molher*
Pois uma coisa te *pido*³⁹
Que faças Rodrigo amado.

RODRIGO

Se não é tocando-me ao estado
Me acharás pronto e rendido.

BISPO

Que a Sicília a ver o rei
Venhas *commigo* que gosto.

RODRIGO

Por te não causar desgosto
Nisso te obedecerei.

BISPO (*isto é à parte*)

O rei há-de ser padrinho
Advogado e intercessor⁴⁰,
E o guie a outro caminho.

Vai-se.

RODRIGO

Bela de idade com razão
(*olhando para o retrato*)
Esta ausência hás-de sentir,

³⁸ “Havendo”, na outra versão.

³⁹ Esta forma corresponde igualmente à primeira pessoa do presente do indicativo do verbo pedir, em mirandês: “you pido” (cf. português “peço” e castelhano “pido”).

⁴⁰ “entecessor”.

Mas podeis atribuir
Que a levo no coração.

*“Vae-se”. Sai o Rei com uma carta, o Conde, a
Infanta e o Marquez e diz o Rei:*

Esta carta me vem de Candia
Quero ver o que diz
Por ver se convém ao meu reinado
Vede-a vós Conde.

Dá-lhe a carta ao Conde.

CONDE

Assim diz (*lê*):
Gran Baltazar, rei da Sicília
Senhor da Infanta Cacilda, vossa filha,
Achando-vos servos e tutores
Do Rei da Candia
E desejando que tome estado
Pedimo-la para esposa,
Deste príncipe
E fazendo assim
Se ordenarão os *recevimentos*
Que convenham a príncipes
Tão estranhos como
Os governadores⁴¹ de Candia.

Conde, fala à parte.

Só isto me faltava, Céus!
Não me trates com rigor.

INFANTA, *à parte.*

Morro de pena e de dor!

MARQUEZ

De incêndio abrasador
O meu peito chammas tem.

REI

Isso escrevem, pois convém
Que a Infanta tome estado.

*Vão-se. “Sae” Rodrigo e Fernando pela porta
do Rei e diz:*

Todos faremos o mesmo

Que meu tio lá em *Cerdenha*,
Uma há instituído
Mas há-de *saver* Fernando,
Que é tão terrível meu tio,
O Senhor Bispo B. Andrés,
Que não quisera servi-lo,
Manda-me que tome estado,
O Estado que é escolhido,
É de matrimónio ou casado;
Ele queria que eu fosse
Frade Franciscano e isso,
Vai contra a minha vontade
E eu Fernando querido
Estou namorado em verdade
Não me sujeito nem me rindo
Mas prossegue...

FERNANDO

Digo Senhor que por sua Caderneta
Seu brio, sua Nação, e gentileza
Que as suas obras lhe remeta
O fez o rei mordomo-mor
E deste ofício há saído
A ser secretário e nisto
Quatro anos há servido,
Ao fim a Infanta Cacilda se namorou.

RODRIGO

Acaba, dize.

FERNANDO

De teu tio que Deus o guarde
Nosso Conde D. Fabrício;
E também saberás⁴² que tem
Já da Infanta um filho
Quer seu *paê* que se case
Porque outro rei a tem pedida
Herdeiro de Candia
Destas ilhas longe *visinha*.

RODRIGO

Não em balde mandou chamar
A meu tio D. Andrés.

FERNANDO

A história bem a vês
O que há-de fazer é calar.

⁴¹ “Desgovernadores”

⁴² “saveras”.

RODRIGO
Pois trata o Conde de vir
Para escapar com a Infanta.

FERNANDO
Se este dito não adianta
Mal se poderá esperar.

RODRIGO
Deus os dispense e aparte
Das fúrias que tem o rei.

FERNANDO
É como um boi
Não há quem de *trutar*⁴³ o farte.

(*Rodrigo dentro e diz*):

RODRIGO
Cala; que gente *roge*⁴⁴.

FERNANDO
Será o rei D. Rodrigo
Vamo-nos daqui amigo.

RODRIGO
Amigo, vamos.

(*Vão-se*) “*Sae*” o Bispo e *diz* o Rei.

REI
Imagem que no mundo
Não se ouvisse tal devoção.

BISPO
De esta santa devoção
Sou eu quem o tem fundado
O referido condado
De direito vem-me a mim
E por ser meu gosto assim
A meu irmão o tenho dado
A cidade que contei
Fundei em⁴⁵ Cerdenha, Senhor
E cheguei a ser pastor
Da cidade que fundei
Mandeí pregões muito juntos
A povoar o que queriam
Viessem, mas que seriam

Mui devotos dos defuntos
Dei-lhe franca esta pousada
E assim me valha o Senhor;
Que hão tomado com amor
A devoção consagrada
Causa é ver o que ali obram
Os sacrifícios que fazem
Até os meninos que nascem
Ao senhor os encomendam.

REI
A vosso sobrinho vi
E em afecto me agradou.

BISPO (*diz à parte*)
Minha alma me pesou
Sem dúvida mo vai pedir!

REI
Galhardo moço é por certo.

BISPO
Será vossa *magestade*
Meu padrinho favorável
Uma⁴⁶ mercê lhe pedirei
Senhor, ma concedeis?

REI
Como eu possa...

BISPO
Bem podeis.

REI
Pois eu vos concedo
Bispo, a mercê é
Que me sirvais de advogado
Quando meu sobrinho amado
A *vejjar* chegou seus pés
Eu criei este *mancevo*
Desde pequeno e infante
E o fiz ser estudante
Dos melhores que há⁴⁷ na terra
De seus estudos prezado
Estava quando atrevido
Tirou com livros e vestidos
Dizendo, hei-de ser casado
Ah! Desgraçados⁴⁸ intercessores

⁴³ Por “trotar”?

⁴⁴ Por “ruge”.

⁴⁵ “um”.

⁴⁶ “Um”.

⁴⁷ “á”.

⁴⁸ “Desgraçado”.

Advogados e padrinhos
E teólogos mui divinos
Que confundam seus horrores
Mas como é de *Cerdenha*
Se há⁴⁹ empenhado, sou advertido
Que por⁵⁰ ser ali nascido
Basta para ser de penha.

REI

D. Andrés, farei assim
Discurso lhe há-de fazer
Por dar-me a mim algum prazer,
Posto que o mando aqui.

“*Sae*” *Rodrigo de gala e diz:*

Meu Tio e o Rei?
Alto aqui...

REI

Ah? D. Rodrigo!

RODRIGO

Senhor? (*anda sobre o rei*)

REI

Dizei-me que vos parece
Desta corte que se lhe oferece
A de *Cerdenha* é melhor?

RODRIGO

Vossa *Magestade* Senhor
Tem em Sicília uma corte
Que é das do mundo norte
Pois não a haver melhor
Ao passo que será melhor
Compará-la se mereceu
Pois será melhor o céu
Por ser toda a divindade.

REI

Me haveis causado novidade
Ao ver-vos de gala vestido,
Para quando frade hei ouvido
Tenhais Rodrigo estudado?

RODRIGO

Bem o podeis dizer
Ciências⁵¹ várias estudei,

Ma s já de intento mudei
Que outro estado quero ter.

REI

Rodrigo, estou empenhado,
De que sigas a carreira,
Daquela intenção⁵² primeira
Esquece, filho, o ser casado
Que maior fortuna esperas
Alcançar, Rodrigo amado
De perfeição grande estado
Se religioso estiveras?

BISPO

Dar-se-á⁵³ acaso desta vez
Que nem obedecer ao rei queres⁵⁴,
Pois procura tu⁵⁵ maior ventura.

RODRIGO

Não sou desse parecer
Em todo o rei meu Senhor
Pronto estarei e humilhado
Não sendo tocante ao estado
Que esse hei-de elegê-lo⁵⁶ eu.
Eu um hábito hei-de trazer
Mas capinha! Eu sou lagarto?
Eu vestir-me com esparto?
Em saias como *molher*?
Deixai já de aconselhar-me.

BISPO

Procuras de atormentar-me!

RODRIGO

Tu minha perdição procuras!

REI

Não te abrandam as ternuras!

RODRIGO

Quero gran⁵⁷ Senhor salvar-me,
Se sou frade me Condeno;
Se sou casado sirvo a Deus;
Já entendeis os ditos meus...

⁴⁹ “á”.

⁵⁰ “for”.

⁵¹ “Ciências”.

⁵² “intensão”.

⁵³ “Dár-se-a”.

⁵⁴ “Qués”.

⁵⁵ “teu”.

⁵⁶ “elegi-lo”.

⁵⁷ “gan”.

REI

Eu digo que é Santo e Bom,
De matrimónio o estado,
Mas vencendo esta paixão,
E entrando na religião,
Teu intento verás mudado.

RODRIGO

Por impossível o tenho.

BISPO

Faz isto por mim.

RODRIGO

Não me atormenteis assim
Nem te escuto nem te entendo.

REI

Olha que essa louca ilusão⁵⁸,
Esquece esse amor Rodrigo,
Se não fazes o que te digo,
Provas⁵⁹ minha indignação,
Como louco e atrevido,
Mostras tanta resistência
Ultrajar a obediência,
Dum rei que te há pedido;
Como tanto porfiar,
Louco, altivo e desgraçado,
Não é grande o sublime estado,
Cantares missa e pregar?
Como atrevido moço
Tam arrogante lhe perdes
O temor ao rei e te atreves
Viva *Christo* Senhor nosso!?

RODRIGO (*à parte diz*)

Temo de vê-lo irado
Já sei que à força hei-de ser
Mau frade e pior casado.

REI

Que me respondes, Rodrigo?

RODRIGO

Que pronto senhor, estou.

BISPO

Rendido graças vos dou
Pois o vejo reduzido.

REI

Chega a, meus braços contrito⁶⁰.

RODRIGO

Aos teus pés.

REI

Rodrigo, levantai-vos.

RODRIGO

Mande vossa *magestade*.

REI

Que vás depressa para o convento.

BISPO

Oh! Que alegria e contente
Pois logrei o meu *dezejo*.

RODRIGO (*vai-se e diz à parte*):

A morte bem perto a vejo
Neste estado enfadador.

BISPO

Para volver-me, Senhor
Licença me haveis de dar.

REI

Já vos quereis embarcar?

BISPO

Bem sabeis que sou pastor.

REI

Minha gente vá *convosco*
Até que chegueis ao porto.

BISPO

Tanta dita não mereço.

REI

Ide com Deus.

BISPO

Ficai com ele.

*Vão-se cada um por sua porta e canta a música
estes versos.*

⁵⁸ “elusão”.

⁵⁹ “Porvas”.

⁶⁰ “cuntrito”.

Já Rodrigo por esforçado
Tornou outra vez ao convento
E Lusbel com suas astúcias
O mudará do seu intento;
Dando-lhe aos frades a morte
Se há-de meter salteador
Junta uma companhia
Farão estragos de horror.

“Sae” Lusbel com um punhal e um retrato e, ao mesmo tempo descobre-se Rodrigo vestido de frade dormido sobre a mesa aonde estão os livros e diz:

LUSBEL
Desta escuridade *ambrosa*⁶¹
Deste palácio encantado
Saio a dar guerra a um soldado
Com minha força poderosa,
A frade Rodrigo esta façanha
Procuro ver desgraçado;
Que para um frade forçado
Não preciso muita manha:
Está na *celda*⁶² dormindo,
O encontro não em oração,
De mim ficará vingado
Porque já tem má intenção
Este punhal e retrato
Vou-lho a pôr no seu livro
Porque estando dormindo
Esperte e fique estupefacto
Vendo o retrato lá,
E o punhal entre seus livros
Vacilar-lhe-ão⁶³ os sentidos
E por fim se escapará.

Chega-se à “celda” depois de haver metido o punhal entre os livros e pôr ali o retrato, diz:

LUSBEL
Dormes, Rodrigo amante?

⁶¹ Esta é a forma comum às duas versões. Parecemos, contudo, que a forma mais adequada deveria ser “umbrosa” (sombria, tenebrosa), uma vez que outras formas, graficamente próximas, como “ambroso” (contendo âmbar) ou “ambrosíaco” (relativo ao manjar dos deuses) desvirtuam o sentido do verso.

⁶² Forma castelhana, significando, neste caso, o aposento dos frades no convento (cf. português “cela”).

⁶³ “Vacilarão-lhe”.

RODRIGO
Quem me chama neste instante?

LUSBEL
Um paraninfo do céu,
Que venho por Deus mandado
A dizer-te que te cases,
Não sejas frade forçado.
Não creias em Baltazar,
Nem em D. Andrés o bispo,
Que para frade *fracisco*,
Se empenham que este estado
O sigas contra a vontade.
Deus não quer esta violência,
Por isso, Rodrigo amado
Escolhe tu o teu estado
Que lhe não fazes ofensa;
Que me respondes Rodrigo?

RODRIGO
Eu que hei-de responder?

LUSBEL
A um mensageiro de Deus
Não tens nada que dizer?

RODRIGO
Digo que não esquecerei
Aquela formosa *mulher*.

LUSBEL
Vou-me pois já o deixo
Enganado sem *saver*.

(“Vae-se”).

RODRIGO (*diz sonhando*)
Eu *sugeito* a um vil prelado!
A uma *obediência* obrigado?!
Eu num convento metido?!
Eu contra a minha vontade
Sugeitar-me... Oh! Dura lei!
Por dar gosto a um vil rei
Desprezar uma deidade (*acorda do sonbo*).
Meu Deus, isto é ilusão,
Valha-me Deus que sonhava,
Que eu o convento deixava,
Levado desta paixão
A reza quero acabar
Pois o dia... transe forte!

Que olhos! Tiram sorte!
Que vejo! Certo pesar!
Quem pôs no meio das folhas
Deste livro o meu tormento!
Oh! Quanto sinto ver-me ausente,
Sinto na minha firmeza
Não me causes mais tristeza
Bem sei que teu rosto vi,
Bem sei que a minha fé
Tão leal eu pus em ti,
Bem sei que hás-de dizer
Que fui desleal amante;
E que sou tão *incunstante*
Pois faltei ao teu dever!
Não tive a culpa eu não!
Não desprezo a formosura!
Que foi a pouca cordura
E um rei me fez traição
Que hei-de fazer?
Deixar o convento?
Oh! Deus, é grande tormento
Não, que é grande pecado
Mas sim que ver-me forçado
Desculpa meu atrevimento
Mas não que o meu coração me diz
Tem-te que vás desgraçado:
Mas sim que ver-te forçado,
O coração me contradiz:
Isto há-de⁶⁴ ser.
(Vai a ler como que venceu a paixão e vê o punhal)
Mas que vejo!
Quem este punhal irado,
Na minha *celda* há⁶⁵ preparado
À medida do *dezejo!*
Pois com ele minha *cêga* sorte
Para fazer maior pecado,
Satisfaço o génio irado;
Dar-lhes a todos os frades morte.

Entra furioso e logo começam as vozes dentro e diz:

1º FRADE
Frae Rodrigo.

RODRIGO
Morra já *guardiçã*⁶⁶

⁶⁴ “á de”.

⁶⁵ “a”.

A punhal e a minha mão.

2º FRADE
Valha-me o Deus S. Abraão.

RODRIGO
Todos provareis⁶⁷ a mão.

3º FRADE
Socorro⁶⁸, Virgem Maria.

“Sae” Rodrigo ensanguentado com um punhal e diz:

De tanto frade renego
Prove⁶⁹ também este leigo
O que os outros *teêm porvado*.

Recolhe-se.

1º FRADE
Frae Rodrigo.

RODRIGO, *dentro diz:*
Frae Rodrigo sou demónio
Não me chames Frae Rodrigo.

2º FRADE
Que te engana o inimigo.

RODRIGO
Mais que te engane o diabo,
Mais quero ser um ladrão,
E roubar com crueldade⁷⁰,
Que estar aqui nesta prisão.

3º FRADE
Frae Rodrigo.

RODRIGO
Frae Rodrigo, bem reparo
Os vivos que inda há
Chamando-me desde já
O capitão Frae Diabo. *(Cala-se)*.

⁶⁶ Certamente por “guardião” (cf. castelhano “guardián”), significando funcionário ou prelado dos conventos franciscanos.

⁶⁷ “porvareis”.

⁶⁸ “Succorro”.

⁶⁹ “Porve”.

⁷⁰ “crueldade”.

JORNADA SEGUNDA

“Sae” Rodrigo com um “pao”, batalhando com Romeiro e diz:

ROMEIRO
Morra o vigário do frade.

RODRIGO
Morra traidor lisonjeiro⁷¹
Vais⁷² morrer duma mocada,
Não sabes jogar a espada
E falaste⁷³ tão ligeiro?

ROMEIRO
És algum frade ou diabo?

RODRIGO
Ao diabo lhe ponho medo,
E a todo o inferno junto
Ponho espanto se me inquieto.

ROMEIRO
Não vi em frade tal valor.

RODRIGO
Não vi em salteador
Semelhante cobardia.

ROMEIRO
Detém-te que ferido me sinto.

RODRIGO
Presto te *rindes*⁷⁴?

ROMEIRO
Aqui rendido a teus pés confesso,
Que de valor tão estranho
Temer pode o inimigo
Vás fazer o que te *pidô*⁷⁵.

RODRIGO
Se é ao meu gosto ao momento.

ROMEIRO
Que sejas nosso capitão
Desde agora para sempre.

RODRIGO
Sim aceito,
Mas te advirto primeiro
Uma certa condição
Andarás sempre ao meu *geito*,
Todo o que for ladrão,
E se fazem o contrário
O castigo mais horrendo
De *Deocleciano* e *Nerão*
Hei-de executar sobre eles
Aceitas este partido?

ROMEIRO
A *todo*⁷⁶ estamos *sugeitos*;
Gomo te chamas?

RODRIGO
Frae diabo.

ROMEIRO
Pois Frei diabo, à vingança.

RODRIGO
Pois escutai,
A façanha melhor que ordeno,
A todos quantos ladrões,
Me obedecem, que em colhendo,
Trazei-me porque nele quero,
Vingar meu irado rigor,
Dando-lhes grandes tormentos:
Pois desde que eu fui frade,
Essa canalha aborreço
Não fique vivente algum,
Que de meu coração ferro,
Não *porve* a crueldade
De meu vingativo atento;
*Todo*⁷⁷ sejam crueldades,
Todo roubos e adultérios
Maldades e ingratidões,
Se me quereis ver contento,
E para mais glória nossa,
Como capitão ordeno
Que às mulheres grávidas
Que agarrem logo ao momento,

⁷¹ “lisonjeiro”.

⁷² “Vás”.

⁷³ “falas-te”.

⁷⁴ Por “rendes”. Assinale-se que “rindes” corresponde à forma mirandesa.

⁷⁵ Por “peço”. Cf. castelhano e mirandês “pido”.

⁷⁶ Por “tudo”. Cf. mirandês “todo” (pronome indefinido).

⁷⁷ Por “tudo”. Cf. nota anterior.

Trareis à minha presença
Que com minhas próprias mãos
Essas desgraçadas quero
Fazer a crueldade maior
Que conhecerão os tempos,
Por entre duas costelas
Como lobo carniceiro,
Sacar de suas entranhas,
As crianças e eu creio,
Que todo o mundo há-de temer,
Frei diabo o bandoleiro.

ROMEIRO
Pois Frae diabo é vingança.

RODRIGO
Obedecer meus preceitos.

ROMEIRO
Com teu valor *todo* é pouco.

RODRIGO
Temam um frade ressolto⁷⁸,
Que perdeu o respeito a Deus,
E sirva a todos de exemplo;
Este meu comportamento
Ninguém⁷⁹ teme à força os seus.

(Vão-se). “Sae” o Rei e o Marquez por urna porta.

REI
Sicilianos valorosos,
Valentes guerreiros meus;
O valor que em vossos peitos
Se encerra em vulcões *tam* vivos
Se convertam contra o Conde
Contra a Infanta e seus filhos
Sem que serve a façanha,
De nossa coragem em visto
Contra D. Andrés o bispo
Às armas guerreiros meus,
Seus estados destrocemos
Abraçae e ponde sítio
À grande cidade de Deus
Cercai⁸⁰ seus muros altivos

Não fique torre nenhuma
Seus *labartes*⁸¹ e edifícios
Caiam, vingareis a afronta
Dum rei que se acha ofendido.

“Sae” por outra porta “Luduvico” com o mesmo intento que tem .Baltazar e diz:

LUDUVICO
Vassalos do rei de Candia
Cujos ânimos e brios
Têm sido terror e espanto
Destes reis mais vizinhos
“Mostrae” logo esse valor
O Conde D. Fabrício
Ajudando ao da Sicília,
Pois ambos e dois *sofrimos*⁸²,
Uma ofensa e com agravo
Que nos move a pôr-lhe sítio.

REI
Príncipe, com teu valor,
Asseguro meus desígnios
Tanto rancor tenho ao Conde,
À Infanta e ao seu bispo,
Que com bem cautela foi,
A traição que fez motivos
Pois os casou em segredo
Que em veneno convertido
Tenho o peito, que vê-lo,
Em certeza hei-de feri-lo.

LUDUVICO
Dessa mesma empresa⁸³ espero.

MARQUEZ
O Marquez da Calábria,
Zeloso, cruel e altivo,
Será contra o Conde ingrato
E mais poderoso inimigo.

REI
Príncipe, com vossa armada,
Por um lado

⁷⁸ Participípio passado, irregular, do verbo ressaltar (que se ressaltou, muito solto, lasso).

⁷⁹ “Nenguem”.

⁸⁰ “Cerecae”.

⁸¹ Forma idêntica em ambas as versões que, possivelmente, seria “adarves” (muro de uma fortaleza).

⁸² Forma popular da primeira pessoa do plural do pretérito do indicativo do verbo “sofrer”. Cf. mirandês “xufrimos”.

⁸³ “empresa”.

À cidade celebrada,
Que é aonde mora o bispo
Que eu por este e outro lado,
Com todo o exército meu,
Fecharei o forte de Calhar⁸⁴
Onde está o Conde e seus filhos
Pra vingar mais a *impresa*
De nossa vingança irada;
Abrace-mos⁸⁵ os lugares
E passemos a espada,
A pastores e serranos,
Destorçando o que é seu.

LUDUVICO

Marche o exército meu.

REI

Marche o exército todo.

MARQUEZ

Morra o Conde D. Fabrício.

LUDUVICO

A matá-los.

REI

A destruí-los.

LUDUVICO

Assim vingo minhas iras.

REI

Assim meu furor mitiga.

*Vão-se. "Sae" o Bispo, o Conde, a Infanta, o
Alcaide e o menino.*

ALCAIDE

Senhor, *todo* o que falei
Contam dele e mais não sei,
Eu só sei que se apelida
Frae diabo o salteador
Capitão duma quadrilha.

BISPO

Chorarei dias e noites
A gran perda deste homem.

CONDE

Como dizeis que é seu nome?

ALCAIDE

Frae diabo o salteador
Capitão duma quadrilha.

BISPO

Eu⁸⁶ o pranto a Jeremias⁸⁷,
Nesta vida hei-de imitar.

CONDE

Não se aflija vossa Senhoria.

BISPO

Como o hei-de remediar,
Se a culpa toda é minha!

ALCAIDE

Por onde quer que passa,
Tudo manda destroçar
A gente que anda com ele,
Tem coração tão cruel,
Que até desonra⁸⁸ as donzelas,
As mais formosas e belas;
Quando chega a algum *logar*
Se o padre não tem escapado,
Furioso, cruel e irado,
Logo o manda enforcar
Pondo outro em seu *logar*
Da sua mão graduado,
Este é o maior tirano,
Que anda lá na quadrilha;
De algum povo ou de alguma vila
Aonde está toda essa flor;
E cativa as donzelas
As mais formosas e belas,
Aquele cura *lutherão*⁸⁹,
As desposa de sua mão,
Com o frade a todas elas

⁸⁶ "Em".

⁸⁷ "Jeremias". Referência ao Livro de Jeremias e ao pranto que este profeta faz pelo seu povo e pelos castigos que recairiam sobre Jerusalém.

⁸⁸ "dez-zonra".

⁸⁹ Por "luterão" e relativo a Martinho Lutero (1483-1546), que também iniciou a sua vida religiosa num mosteiro mas que, depois de algumas controvérsias com o papado, nomeadamente por causas das indulgências mas também por discordar as interpretações dos textos sagrados, acaba por levar a uma cisão com a Igreja de Roma e a autoridade papal.

⁸⁴ Por Cagliari?

⁸⁵ "A brazemosos".

As reparte por sua gente,
Daquele raio clemente
Dá queixas e tristezas.

INFANTA
Soberano redentor
Tem piedade deste homicida.

BISPO
Estou, Infanta querida;
Por ir àquelas montanhas,
E em suas profundas entranhas,
Ali chorar toda a vida,
Por ele farei penitência;
Rogando a Deus que se aplaque,
E daquele horror⁹⁰ o saque⁹¹,
E me dê a rum paciência⁹²,
Porque eu a culpa tenho,
De tão enormes delitos.

ALCAIDE
Traz soldados tão malditos,
Que deles fugindo venho,
Depois vão-se para as montanhas,
E para as fraldas dessas serras,
Nos distraem nossas terras,
Com diabólicas façanhas.

(Disparam dentro um tiro e ressoa guerra e dizem o seguinte):

RODRIGO
Companheiros meus benignos
Lograremos hoje ocasião
Morra este infame esquadrão,
De contrários inimigos.

(Atiram outro tiro e diz o Marquez):

MARQUEZ
Oh! Meus soldados agarrai-os⁹³,
Segui-os, matai-os todos.

Atiram outro tiro e diz o Rodrigo:

RODRIGO
São de *molher* os teus modos.

Atiram outro tiro. "Sae" Fernanda depressa, a Infanta, o Conde e o Bispo e diz:

FERNANDO
O mais estranho sucesso,
Senhores tem sucedido,
Que em todo o mundo se há⁹⁴ ouvido.

INFANTA
Que tem sucedido? Contamos isso.

CONDE
Quererá vir talvez Rodrigo
Ao meu alcançar porventura?

BISPO
Esse traidor que procura
Que nos quer esse inimigo?

FERNANDO
Tem *captivo* ao Marquez,
Que tanto vos perseguia,
E a Infanta o ouvia
Para que nele ponha seus pés,
Penso que em pessoa bem,
Com infinitos soldados,
Olhai lá o convém
Porque já se chega aos muros.

CONDE
Vamos lá para a *moralha*,
Que pode este touro fero
Vir aqui a conquistá-la.

FERNANDO
Que nos quererá este inimigo,
Sanguinolento e tirano;
Parece lobo *inhumano*,
Não teme de Deus castigo,
Não duvida que a esta cidade,
Vem com toda a sua gente
Venha túbio e impertinente,
Fazer alguma maldade;
Suas crueldades são certas,
Livrae-nos do seu rigor
Condados, chaves e portas.

(Vão-se). "Sae" Rodrigo com hábito arregaçado⁹⁵, um cinto de pistolas e traz ao

⁹⁰ "orror".

⁹¹ "asque".

⁹² "pasciencia".

⁹³ "garrai-os".

⁹⁴ "a".

Marquez preso com uma cadeia pelas mãos e diz...

RODRIGO

Famoso Conde D. Fabrício,
Grande senhor de Cerdenha,
Se de paz chego a falar-vos,
Porque me cerrais as portas?
Como sois tão descortez
Que nem o vosso sangue honrais
Quando à vossa porta chego
Assim os ouvidos cerrais?
Ah! Do castelo de *Calhar*
Ah! Do muro?

“Sae” da⁹⁶ muralha o Conde, o bispo, a infanta e um menino e diz o Conde:

CONDE

Quem vozeia?⁹⁷

RODRIGO

Quem vem de paz a falar-vos.

CONDE

Diz quem és em hora boa?

RODRIGO

É o capitão D. Rodrigo
Que de paz vos bem falar
Príncipe daquelas selvas,
Capitão de muita gente,
Antes frade e *sugeito* a obediência
Dum prelado e sou agora
Rei e senhor destas brenhas
Capitão dum esquadrão
Que *sugeito* às minhas ordens
Todo o seu valor se acha
Olhai hoje que diferença
Antes manejava eu.
Alva e casula na Igreja
E hoje no momento manejo
Estas armas sem inveja.

Ensina-lhe as pistolas que traz à cinta e segue:

Antes a um coro sujeito,
E rendido a obediência;

Hoje livre, sendo senhor,
De honras vidas e fazendas;
De missa quisestes ver-me,
Fiz a isso resistência
Meu gosto foi ser casado
Tirastes meu gosto à força
Pois sabeis hoje que já
Tenho a minha obediência
Mais de 50 *mulheres*
Que desposado com elas
Estou por sacerdote
Que *impotestados* ordena.

CONDE

Possível é sobrinho amado,
Que alcançando tanta ciência
A empregues tão mal, sobrinho
Tem de tua alma clemência
Pelas ânsias⁹⁸ e pelas dores
Pela angústia e aflição
Que ao pé da cruz haveria
De João e de Maria,
*Repassou-lhe*⁹⁹ o coração;
Estas setas com a dor
Que repares nisto é melhor,
Porque Lúcifer te leva,
Aos escuros calabouços
Da seus infernos cavernas,
Volve em ti, abre teus olhos.

INFANTA

O mesmo meu amor te roga.

RODRIGO

Nobre Conde D. Fabrício,
E vós, senhora Condessa,
Meus ouvidos estão surdos
E minha indignação perversa.

BISPO

Pelas divinas entranhas,
Daquela pomba excelsa
Que é a mãe dos pecadores
Peço sobrinho que volvas em ti
Repara que estás louco
E que fazes grande afronta
À mística cidade de Deus
Por este que morreu na cruz.

⁹⁵ “regaçado”.

⁹⁶ “a”.

⁹⁷ “vozêa”?

⁹⁸ “ancias”.

⁹⁹ Trespassou-lhe ou traspassou-lhe.

Mostra um crucifixo.

E passou tantas ofensas,
Por remir os homens todos
De tão ásperas cadeias
De Lúcifer que me escuta
E meus lamentos atenda.

RODRIGO

Não pratiques que é em vão
Por mim não choreis lágrimas tenras
Que tudo¹⁰⁰ quanto *praticaes*,
É em vão e me *molestaes*;
Se não vos calais vou-me,
Sem dizer a proposta.

BISPO

Quê? Estás irado?

RODRIGO

Sim.

BISPO

Não te abrandarás?

RODRIGO

Sou de penha.

INFANTA

Não te enternecem suas vozes?

RODRIGO

Não me fazem seus ecos força.

MENINO

Pois abrandate aos meus rogos.

RODRIGO

Um rapaz não tem resposta.

BISPO

Porque o hábito gastais?

RODRIGO

O trago por mais afronta.

BISPO

Repara que te vê Deus
E não tornes a pecar.

RODRIGO

Vou-me por não te escutar.

Faz que se “vae”.

BISPO

Filho, espera,
Diz-nos pois a que vieste?

RODRIGO

A minha Senhora Condessa,
Princesa destes estados
Preso o Marquez traidor
À sua presença trago;
Este é o vosso inimigo,
Que vos seguiu por mar e terra
Agora me encontrei com ele,
E *travemos*¹⁰¹ cruel guerra
E o que a meu tio e a vós
Vendeu com muita cautela,
O prendi e algemado,
O trago à vossa presença;
Para que se vingue dele,
E que lhe corte a cabeça:
Também Conde te aviso,
Duma notável notícia,
Que vem o rei pelo mar,
A fazer guerra e justiça,
Com ele vem o Candia
Tuas guarnições prevem¹⁰²,
Que os contrários são fortes
E nesta terra está bem.

BISPO

Inimigo campeador
Do reino e suas fronteiras,
Aqui virás tu traidor
Em que te fizemos ofensa?
Se estava casado o Conde,
Com a Senhora Condessa,
A que foi o matrimónio
Perseguidor da Igreja.

MARQUEZ

Eu sei a causa porque é
Mas debaixo da obediência
O que o rei me mandou fiz
E trago sua licença.

¹⁰⁰ “todo”.

¹⁰¹ Por “travámos”.

¹⁰² Por “previne”.

RODRIGO

Farei pagar-vos, traidor
A raiva que à Condessa
Tens e ao Conde meu tio,
Perseguindo sua Excelência.

CONDE

Antes sobrinho te peço,
Que uma cousa me concedas,
Que por bondade de Deus,
Divina, Santa e suprema,
Aonde os defunto a santos
Oferecemos com ofertas.

Que perdoes ao Marquez,
Pois os Condes de Cerdenha;
Perdoam¹⁰³ de coração
Todo o género de ofensa;
Soltai ao Marquez, sobrinho,
Para que vá a Sicília
Contar a nossa nobreza
E também a fidalguia;
Entrega-lhe os meus navios
Porque sobrinho me preza
Que lhe tenhas destroçado
A sua gente de guerra;
Dai-lhe liberdade sobrinho.

RODRIGO

Antes para que não torne
A perseguir-te é melhor,
Que lhe cortes a cabeça
Mas se assim tu não o fazes
Tomo-o eu à minha conta.

CONDE

Pois entrega-mo assim.

RODRIGO

Devaixo dessa cautela,
Quereis dar-lhe liberdade?
Perdoe-me vossa alteza.

CONDE

Pois não me obedecéis?

RODRIGO

No que a mim me tenha conta
Que por dar gosto a meu tio
Vivo eu desta maneira.

¹⁰³ “Perdão”.

(“*Vae*” levando o Marquez com ele).

CONDE

Atende, mas já se foi!

BISPO

Olhai, Senhor, esta ovelha,
Recebei-a¹⁰⁴ ao vosso aprisco¹⁰⁵
Não permitais que assim morra
Nas mãos¹⁰⁶ de voraz lobo
Que sua perdição deseje.

CONDE

Já que Rodrigo não quer
Atender nossas propostas
Uma carta tenho escrita
Com a letra do meu punho
Para ver se o reduzo
Que às vezes numa penha
Dando-lhe golpes se abranda
Por dura e rézia que seja
E nela lhe encarregarei¹⁰⁷
Que me guarde essas fronteiras.

BISPO

Conde, *prevem* teus castelos
Pois as almas te avisam,
Que a cidade de Deus,
Quero partir-me.

Abraçam-se.

CONDE

Tua vida guardem os céus.

BISPO

Adeus infanta querida.

INFANTA

O céu vos guarde.

BISPO

Adeus querida.

¹⁰⁴ Na outra versão existente no CEAMM lê-se “roubei-a”.

¹⁰⁵ “a prisco”.

¹⁰⁶ “Que as mãos do voraz lobo”, segundo a outra versão.

¹⁰⁷ “encargarei”.

MENINO

Pois como em tanta desdita
Deixas a meus *paes* tão sós
Sabendo que guerra cruel
Publicam meus avós?

BISPO

Não passo mais,
O céu guarde vossas vidas.

MENINO

Não vês chorar minha mãe?

INFANTA

Choro, filho, as tiranias,
E crueldade de meu pai
Que em nós executar vai. (*Vão-se*)

BISPO

Cacilda, Deus vos há-de defender
Que é sua bondade infinita;
Confiai em sua clemência
Com Deus ficai.

CONDE

Pois sigam ao meu Senhor
A tropa de infantaria
Que acompanhem sua pessoa
Estai guardas à vigia
Que em avistando as tropas,
Disparem artilharia.¹⁰⁸

(*Vão-se*). *Sai Rodrigo e Romeiro e dizem:*

RODRIGO

Puseste aquele traidor
Da sorte que vos hei mandado?

ROMEIRO

Já o deixamos colgado.

RODRIGO

Morra assim pois fui traidor
A nossa gente aonde está?

ROMEIRO

Hão-de emboscados estar,
Quatro centos nessa serra;
Que assombam o mar e a terra

¹⁰⁸ Esta estrofe só nos aparece em uma das versões existentes no CEAMM.

E duzentos a esperar.

RODRIGO

Os *delictos* que haveis feito
Em toda esta semana
Me contrareis gente *enhumana*¹⁰⁹,
Para ficar satisfeito?

ROMEIRO

Já a embarcar um doutor
Mas rematou com a vida
E, com fazenda perdida
Dei morte a um comandante
A um homem com sua *molher*,
Que neste monte encontrámos
Um tesouro lhe tirámos
E a vontade de comer
Também a umas ovelhas¹¹⁰,
Cujas vozes foram vãs
*Desfolhemos*¹¹¹ como rãs
Dos pés até às orelhas¹¹²
Lhe tirámos¹¹³ suas peles
E temos feito delas
Pandeiros para dançar.

RODRIGO

Dignos sois de castigo
Não me tendes satisfeito!
Possível é que nunca acabe,
De ensinar-te bandoleiro
A ser cruel e tirano,
Pois me vês tão *enhumano*?
Dizes tu e os companheiros
Desfolhemos umas ovelhas
Lhe tirámos suas peles
E delas fizemos pandeiros?
Olhai pois que bandoleiro
Acostumo eu as ovelhas
À meia-noite acender
Fogo em *logar* de cama,
De ver como lume brama;
Quem não recebe prazer?
Às mulheres embaraçadas¹¹⁴,

¹⁰⁹ Na outra versão lê-se. “Me contareis gente humana”.

¹¹⁰ A forma que se encontra em ambas as versões é “velhas”.

¹¹¹ Por “desfolhámos”.

¹¹² “as orelhas”.

¹¹³ Noutra versão lê-se “tiremos”, noutra “tiramos”.

¹¹⁴ Cf. castelhano “embarazada” (grávida).

Costumo eu das barrigas
Creaturas secar vivas
Pelo meio das *bochadas*¹¹⁵,
A dois frades tendes visto,
Com raivosa indignação
Sem matá-los, juro a *Christo*
Pois como sois humanos,
Que fazeis poucos horrores,
Não sabeis ser salteadores,
A última acção que fiz
Por dar-te exemplo delas,
Por olhar para mim um frade
E lembra-me de eu ser frade
Cortei-lhe logo as orelhas.

“Sae” Fernando com uma carta e dizem ao sair:

FERNANDO
Deus vos livre de pregões!

ROMEIRO
Gente sinto, agora verás
Se sou guerreiro se sou humano.

FERNANDO
Ai de mim perdido sou
Que me encontrei com Barrabás.

ROMEIRO
Aonde caminhas, traidor,
Serás por ventura espia?

RODRIGO
Deixa lá que é cousa minha.

FERNANDO
D. Rodrigo, meu Senhor.

RODRIGO
Muito me alegre de ver-te.

Fernando diz à parte.

Como anda de ladrão a metade
E ao outro meio frade
Pois causa medo em verdade.

Fala para Rodrigo:

Esta com bem pressa,

¹¹⁵ Cf. português “buchada”.

Me manda o Conde trazer.

“Vae-se”.

RODRIGO
Que quererá dizer.
Verei que nela expressa,
Romeiro, tu parte já
A dar parte a essa gente
Que se previnam depressa.

ROMEIRO
Brevemente se lançará
A estas serras o fogo.

“Vae-se” Rodrigo, abre a carta e lê.

Meu sobrinho amado
Estou admirado
Do estado que vos tínheis¹¹⁶
E agora vejo que estais,
Convertido em Frei Diabo
Eras a glória da igreja
Aonde cantavas antes
Um anjo representáveis
Com alva casula e cálix
Tão perto de Deus estáveis
Que a Lusbel representastes¹¹⁷
Caíndo Diabo entre penhas
Fazendo mil disparates
O que te peço sobrinho,
Que não faças mal a ninguém
Nem alvoroceis¹¹⁸ meus vassalos,
Dá-lhe fim às liberdades,
E guarda-me essa fronteira,
Porque essa porta é a chave
De Cerdenha o rei meu sogro
Quer segurar a armada;
Defendei-me minhas terras,
Que lá irão dois capitães
A socorrer vossa gente,
D. Rodrigo, Deus vos guarde.

(Representa)

¹¹⁶ A forma que se encontra em ambas as versões é “tínheis”.

¹¹⁷ Este verso só aparece em uma das versões na qual, a última palavra

¹¹⁸ Na outra versão lê-se “alvoroteis”. Cf. castelhano e mirandês “alborotar” e também a forma portuguesa “alvorotar”.

Isto que me manda bom é,
Mas manda-me que não dê,
Assaltos pela montanha,
Nisto, meu tio se engana,
Que hei-de morrer nesta fé;
Quero mais de noite entrar,
Por um *logarçito* pequeno,
A saquear como quero,
Os *bilões* que ocuparem
A aldeia ou povoado
Quero mais com os despojos,
Ver *deante* de meus olhos,
Cem donzelas que hei gozado.

Tocam caixas e Romeiro e Fernando saem e diz Romeiro:

Famoso capitão Rodrigo
Nossa gente amontoada,
Que em as montanhas habita,
De armas e gente é infinita,
Triunfo de toda a Europa
Neste porto desembarca gente
Põe-te em armas capitão valente,
E demos como nobres nossas vidas,
Que indo tu *deante* da esquadra,
Em vão o turco ao prussiano¹¹⁹ ladrão.

RODRIGO
Pois, ânimo soldados,
Marte está de nossa parte,
Não temais pois eu sou Marte,
Nos comesse¹²⁰ selvas destes prados
De dez em dez emboscados,
Com cautela e astúcia nos poremos
Com valor e fúria pelejaremos.

ROMEIRO
Viva o nosso capitão.

RODRIGO
Toquem as armas soldados.

Dentro.

Viva, viva.

Tocam caixas e disparam.

ROMEIRO
Viça Frae Diabo.

RODRIGO
Comigo te vais a ir
Fernando amigo?

FERNANDO
Ao momento o farei D. Rodrigo.

Vão-se. “Sae” o rei e Luduvico e diz o rei:

Aonde a planta estampou
Achareis guias de minha gente morte
Sanguinolento vejo o campo
De mortes a campanha está coberta.
Depois de haver perdido¹²¹ tanta gente
O Marquez de Calabria se acha ausente
Pois não volveremos¹²² ao nosso oriente
Até que não volte a nossa perdida
gente¹²³.

LUDUVICO
Se é certo que o Marquez
Da Calabria é morto,
Busquemos a este aborto¹²⁴,
[Para o matar de uma vez
Ficando morto na serra
Nunca nos fica mais guerra
Busquemos estas montanhas
Para descobrir a canalha
E lhe daremos paga
Conforme suas façanhas
Por todas as partes vá gente
Fazendo sangue e fazendo fogo
Ardem as selvas, caem penhas
Militares desde logo
O que mando escutai com fogo
E vós capitães mais bravos
Se achardes gado

¹²¹ Na outra versão lê-se “perder”.

¹²² “bolveremos”.

¹²³ Na versão digitalizada, lê-se: “Até que não venha a perdida gente”. A diferença entre ambos os versos reforça a ideia de que não se trata de uma simples cópia, com alguns “erros” de transcrição, mas de textos com fontes ou origens distintas.

¹²⁴ Os versos seguintes, colocados entre parênteses rectos, constam apenas de uma das versões existentes no CEAMM.

¹¹⁹ “prossiano”.

¹²⁰ Na outra versão lê-se “comece”.

Bois e vacas por este prado
Retirem tudo para uma parte
Que a estes estragos já nos ensina Marte

Sai Rodrigo e Romeiro dum monte com pistola e diz Luduvico:

Meus céus, que tenho avistado
Que gente sai daquele mato
Tão armada e tão valente
Que neste monte vive luzente
Sem temor de minha gente e sem perigo.

RODRIGO
Eu sou o capitão que a ver-te venho
Conheces-me Baltazar.

REI
Santos céus, tu eras D. Rodrigo!

RODRIGO
Eu sou que ao teu pesar e do mundo
Se o mundo é meu inimigo
O convento abandonei
E nestes montes e selvas
Logo a roubar me botei
À vista de minha gente
Que está por entre as selvas
Com armas e põe-te nelas,
Fero¹²⁵, cruel, rei inclemente,
Alegrai-me¹²⁶ desde logo;
Chega-te mais aqui rei;
Tocai a rebate e entremos
Que meu valor é batalhar
Em todas as partes há-de achar,
Assim como arruinei a outros
Eu preguei e cantei missa,
Por dar-te gosto Siciliano rei,
Esta sacerdotal divisa
Contra minha vontade a toda lei,
Ficarei vingado por saber
Que fui de ti afrontado,
Em morrendo e ao inferno hei-de baixar
Por minha desordem e loucura,
E seus profundos eternos
Antes que parta desta selva, escura
Deante de mim quero levar-te
E por meu rosto acompanhar-te.

¹²⁵ “Ferro”, na outra versão.

¹²⁶ “Alegrai-me”, na outra versão.

REI
Bárbaro tirano como queres matar-me
Se trago um exército para acompanhar-me.

RODRIGO
Eu tenho os pontos deste bosque
Tomados com minha gente
Sabemos¹²⁷ entradas e saídas,
Melhor que tu na selva presente
Por uma vida me dás cem vidas,
Que a isto a guerra nos convida
E também os meus soldados,
São fortes, bravos e esforçados.

REI
Loucos homens, tiranos,
Tocai a rebate, aparte minha gente.

RODRIGO
Dar fim a esta canalha.
A fé que o há-de ser nesta batalha.

LUDUVICO
Tocai as armas soldados
Que já são muitas *brabezas*.

REI
Baixareis à minha fragata
Pelo reino e esforçado.

(Vão-se). Entram dentro cada um por sua vez porta, dão a batalha dentro com espadas e tiros e diz Rodrigo:

O rei morra na batalha
E seu exército inimigo.

REI
Soldados, morra Rodrigo
E toda sua vil canalha
Arma, arma, guerra, guerra.

“Sae” Luduvico e Romeiro batalhando e diz:

LUDUVICO
Morre, infame bandoleiro.

ROMEIRO
És menino e eu sou Romeiro

¹²⁷ “Savemos”.

Ferro aberto¹²⁸ desta serra.

LUDUVICO

Se és Romeiro ou Romão
*Rinde*¹²⁹, fera.

ROMEIRO

Que me *rinda*
A conversação é linda?

(Vão-se). “Sae” o rei embainhando a espada:

REI

Morra este esquadrão fero,
Já ficam todos vencidos,
Tenho vingado tantas vidas
Do meu exército perdidas
Eu não acabo de entender,
Ainda que a gente é possível
Nos dessem tanto que fazer.

Disparam dentro e diz Rodrigo dentro:

RODRIGO

Ai de mim, desesperado morro!

Sai Luduvico.

REI

Que é aquilo?

LUDUVICO

O capitão D. Rodrigo
Não podendo doutra sorte
Dum tiro deram-lhe a morte.

O Marquez fala dentro e é descoberto atado a uma árvore em forma de cruz e diz:

Gran Baltazar, rei de Sicília,
Ampara este desgraçado,
Na maior terrível pena,
Que viram olhos humanos.

REI

Mas lamentáveis vezes ouço,
Que será? Chegámos¹³⁰;

Mas que vejo! Que tirano!
Verdugo, injusto, cruel,
Castigo tão desusado,
Em meu amigo verdadeiro,
Lhe fez e cura tirano.
Marquez, almirante meu,
Quem e agressor há sido¹³¹,
O *humicio*¹³² tirano,
Que em tal estado te pôs?
Que juro pele que valho
De ser seu verdugo cruel,
De assassino ingrato
De mil vidas que tivera
Para vingar teus agravos.

MARQUEZ

Rei de Sicília famoso
Em o encontro passado,
Esse apóstolo cruel,
Esse que chamam frae diabo
Com ignomínias e rigor,
A este lenho de há *estado*¹³³
De pés e de mais me pôs,
Neste lenho cruzado;
O não haver-me morte ó rei
De necessidade fui claro
Que há estado fixa na minha vida
Só com folhas de castanho,
Aonde preso me vês
Elas têm sido e meu pasto,
Em cinco dias que choro,
Tiranias de um cristão.

REI

Quem há visto tal crueldade!
Quem viu tão estranho caso!
[Vem almirante a meus braços]¹³⁴
Pois que logremos a dita,
De livrar-te em tal perigo,
Príncipe ao mor,
Forme-se em ordem meu campo
Meus estandartes também¹³⁵,
Vós ireis por esse lado,
Com a metade das tropas,

¹²⁸ “Fero aborto”, lê-se na outra versão.

¹²⁹ Ou seja, rende-te. Contudo, “rinde” é a forma que nos aparece em ambas as versões.

¹³⁰ “Cheguemos” (em ambas as versões).

¹³¹ “a vido”, noutra versão.

¹³² Forma idêntica em ambas as versões onde se deveria ler, em nosso entender, “homicídio”.

¹³³ Forma idêntica em ambas as versões. Contudo, a forma mais “correcta” parece-nos ser “atado”.

¹³⁴ Este verso só consta de uma das versões.

¹³⁵ Na outra versão lê-se: “Meus estandartes temo bem”.

Acometereis bizarro
À grande cidade de Deus,
Do prodigioso milagre,
Dessa grandeza de mundo;
Eu com os demais soldados,
Cerrarei e forte de Calhar,
Abatendo e arruinando
Seus muros, castelos e casas,
Até deixar castigado,
O Conde traidor e a Infanta;
Vós a um bispo ingrato,
Castigamos sem cuidado
E assim ficaremos ambos
Vês com honra e eu vingado.

[LUDUVICO
Previna-se¹³⁶ minha gente.

REI
Guerra, guerra.

LUDUVICO
Marche, marche já ao campo.

REI
A vingar minha desonra.]¹³⁷

LUDUVICO
A castigar meus agravos.

(Vão-se). “Sae” Fernando e diz:

Venho imaginando eu,
Como deu fim esta guerra
Penso que do pó da terra
Se levantou e se deu...

Disparam dentro um tiro e “sae” Rodrigo pelo monte com que vem empunhando¹³⁸ o punhal ensanguentado e Fernando continua:

Mas ai Deus, quem se despenha
Pela parte daquele risco
Verei se deste alantisco¹³⁹

Eu o conheço nas sombras.

RODRIGO
Qual touro de morte,
Dá vozes no chão desgraçado,
Levantando a voz ao céu,
Morre já desesperado!
Quisera à borda de mar
Fazer lamento profundo,
E despedido de mundo
Depois poder-me sepultar!
Porque os animais e aves
Não me despedem! Oh céus!
Jazo em tem neste lodo. *Cai.*
Tu que meus segredos sabes
Perdoa-me as maldades,
Pois de coração te rogo.

Esta clamação fará a ao céu enquanto Fernando está a espreitar e que é atrás do alantisco e conbecendo-o diz:

FERNANDO
Ai meu Deus, que será isto?
D. Rodrigo!
Tão sangrento e tão ferido.

Chega-se a ele.

Rodrigo, estás já morte?

RODRIGO
Eras amigo leal,
Morro em teu poder contente,
Mas que logo ao momento
Me ajudes a levantar.

Saem dois leões e o querem levar para o inferno e diz ou Rodrigo ou Diabo:

Como para uma alma só,
Vindes uma legião de demónios?
Mas não me atribuleis,
Bestas ferozes de profundo,
Já me despeço de mundo,
Breve me acompanhareis!¹⁴⁰

¹³⁶ “Prevenha-se”.

¹³⁷ Os versos assinalados entre parênteses rectos constam apenas de uma versão.

¹³⁸ A forma que nos aparece em ambas as versões é “despunhado”.

¹³⁹ Arbusto mediterrânico (*pistacia lentisco* L.) cujo nome comum, quer em português quer em

castelhano, é lentisco. O a- protético encontra-se igualmente em alguns dialectos de Espanha.

¹⁴⁰ “Já me acompanhareis”, lê-se na outra versão.

FERNANDO

Que vês?

RODRIGO

Os demónios!

FERNANDO

Que se escapem p'ro inferno
Valha-me S. Simão;
S. Martinho e S. *Caitano*
Chama a Deus que seja contigo.

Vão-se os demónios.

RODRIGO

É Deus justo e não sou eu,
Que e tenho muito ofendido;
Que são meus delitos muitos.

FERNANDO

Isso hás-de dizer senhor,
Aonde estão os meus estudos?
Eu hei-de converter-te a ti
Sendo como sou um bruto
Pões em terra os teus joelhos,
Dobra no chão os membros
E pede misericórdia
De teus delitos e erros
Levanta os olhos ao céu,
E não te acordes¹⁴¹ do mundo,
E leva-os soluçando¹⁴²
Em Deus e seus atributos.

RODRIGO

Ajuda-me a levantar
Porei na terra os joelhos,
[Que já de Deus os desejos]
A alma começa a gozar
Deus soberano e eterno
Sem tempo, fim nem princípio
Em quem confesso e adoro
Por quem vivo e por quem morro
Bendita seja tua clemência
Deus de admirável juízo
Bendito em todas tuas obras
No céu e terra bendito;
Oh! Deus com que hei-de pagar,
A mercê que hei recebido
Senão de morrer pensando

¹⁴¹ Na outra versão lê-se “lêmbres”.

¹⁴² Na outra versão lê-se: “E leva-os ao céu”.

Das culpas arrependido!

Que bem te hei feito senhor?
Para que assim hajas querido,
Que à hera da minha morte,
Me désseis tanto sentido?
Grande Senhor misericórdia¹⁴³,
E perdão também te *pid*o¹⁴⁴
De minhas culpas e pecados
E de meus torpes delitos
Perdoa-me por quem és;
E não entre senhor em juízo
Com teu servo pois não pode
Justificar-se contigo!
Almas de Purgatório¹⁴⁵
Oh! Santos do céu benditos
Que bem poucas vezes eu,
Devoto vosso tenho sido
Montes que me estais ouvindo
Marés, rios, selvas e planaltos
Aves clementes e crias,
Hoje [todos] como sois sereis
Olhai que vês faço pedido
Como prometo a meu Deus
De o não ofender e digo
Que se assim não o cumprisse
Naquele dia de juízo
Vos levanteis contra mim
A meu Deus peço e suplico
Não me Condene ao Inferno
E em paga de meus delitos
Me tenha no Purgatório
Dois mil anos!...

FERNANDO

Que há pedido?
Dois mil anos!

RODRIGO

Pior é ir-me ao Inferno!

FERNANDO

Se disseras quatro ou cinco,
Ó que mal Rodrigo fizeste
Não aconselhar-te comigo.

¹⁴³ “mesericórdia” numa versão, noutra “misericórdia”.

¹⁴⁴ Primeira pessoa do presente do indicativo do verbo “pedir”, idêntica em mirandês e castelhano.

¹⁴⁵ “porgatório”.

RODRIGO
Adeus irmão que me morro.

FERNANDO
Diz Jesus alma cristã.

RODRIGO
Despede-te da minha parte
De meus parentes e amigos,
Diz a todos que me perdoem
E demais ao Senhor Bispo,
Que encomende minha alma a Deus
Que humildemente lhe peço,
Em tuas mãos soberanas
A Cristo meu espírito *rindo*¹⁴⁶.

Morre.

FERNANDO
Redentor da alma minha,
Que por este homem perdido,
Passaste morte e paixão,
Guiai-o por bom caminho,
Que importa Senhor Fernando
Encomendar-te a Cristo?
Deita-te ao ombro defunto,
Já outro primeiro o fiz¹⁴⁷
Pois a noite tem fechado,
Que por entre estes perigos
Ir à cidade de Deus,
A dar de sua morte aviso.

Leva-o às costas para dentro e sai o
Alcaide.

ALCAIDE
O Conde muito me encarregou
Que esta fortaleza veja,
E saiba quem a passeia
Pois me hão poste de guarda
Mas gente vem aqui
Pela *muralha adiante*
Sem dúvida é o ajudante
Que a mandar-me vem a mim.
Quem vem lá?

*Sai*¹⁴⁸ o bispo pela muralha adiante.

BISPO
Amigos são.

ALCAIDE
Que gente?

BISPO
O bispo que ronda,
Isso me parece bem,
Haja no muro cuidado,
Já que o reino está arruinado,
A ilha se está a conquistar
E por mistério da Trindade,
Livre esta cidade
Das iras de Baltazar.

Sai Fernando com Rodrigo às costas, morto, e diz:

FERNANDO
Graças a Deus que cheguei,
Ah de mure!

BISPO
Quem vozeia?

ALCAIDE
Morra qualquer que seja.

Vai-se.

FERNANDO

Não tendes que disparar
Que seu Fernando.

BISPO
Fernando?!
Pois como vieste agora
Tão escuro e a desoras?

FERNANDO
Venho de certo ausentado;
Meu senhor Bispo honrado
Mande-me abrir e postigo,
Que trago a meus lombos morto
O corpo de D. Rodrigo.

BISPO
A meu sobrinho?

¹⁴⁶ Primeira pessoa do presente do indicativo do verbo “render” (português “render”) idêntica em mirandês e castelhano.

¹⁴⁷ Por “fez”.

¹⁴⁸ “Sae”, na outra versão.

FERNANDO

Pesa mais de nove arrobas,
Mas se traz tanta pistola,
Aos meus ombros se carregou
Mas nada me sobejou¹⁴⁹
Para e trazer a tua casa.

BISPO

Meu coração se há encoberto
De tristeza, abre-lhe a porta,
Que é bem que a outra morte
Se veja com o defunto. (*Vai-se*)

FERNANDO

Lindamente se derranga¹⁵⁰,
Já à dispensa me vou,
A que me dêem¹⁵¹ um coelho,
Uma bota de vinho velho;
E sabe Deus se me verei farto
Porque o nosso irmão defunto,
A quem a morte apanhou
Como quem comeu rãs
Mil milhares de avelãs
Todos os fatos borrou.

*Vai-se. Sai o Alcaide com duas luzes que porá
a Rodrigo um leito:*

Oh! Que fortuna tão variável
Que andas com uns errada
E com outros acertada
E em nenhum estado estável
Oh! Infeliz cavalheiro
Que vendo-te sacerdote
E atirando com o capote
Fizeste-te bandoleiro;
Se em teu convento estiveras
E até ao fim te preservaras
Quantas mitras¹⁵² e tiaras
Cá neste mundo tiveras.

*Vai-se. Sai o Bispo e olhando Rodrigo diz
sentado o Bispo:*

Filho do meu coração

¹⁴⁹ “subjou”.

¹⁵⁰ Cf. castelhano “derrengarse” (<lat. **derenicāre*, magoar-se nos rins) e mirandês “derrengar” (part. pass. “derrengado”).

¹⁵¹ Na versão digitalizada encontramos a forma popular “deiam”.

¹⁵² As formas que nos aparecem nas nossas versões são “miteras” e “mitaras”.

Morto estás, a culpa é minha
Eu venho a ser este dia
Causa desta perdição!
Contigo usei de crueldade
E deus comigo se há irado,
Pois querendo ser casado
Fui contra a tua vontade,
Não te matou o inimigo
Eu sim, mas se adverte
Fui que quis de missa ver-te
Para alegrar-me contigo
E agora caio na conta
E no horror que cometi
Contra Deus e contra ti,
Vi-te de missa uma vez
Vi-te em púlpito subido
Agora morto a meus pés
Tive-te notável amor
E agora que assim te vejo
Que estás Condenado és
Como réu e malfeitor
Desventura a essa hora
Que nasceste neste chão
Vou dar-te consolação
Rogando a Nossa Senhora.

*Incorpora-se Rodrigo e o Bispo levanta-se
assustado e diz:*

RODRIGO

Pois indo minha alma ao Céu
Tio e senhor porque choras?

BISPO

És fantasma eu és visão,
Ou invenção de Satanás,
Tu falas ou donde vás?

RODRIGO

A pedir tua bênção
Benze-me, Padre amado.

BISPO

Não com humildade fingida,
Pensas dar-me fim a vida,
Para deixar-me enganado;
Este relicário bento;
Cheio de relíquias santas,
Que se acaso te levantas,
Com ele te prende num monumento.

RODRIGO
Não me espantas,
Põe-me esse tesouro bento.

BISPO
A que vieste a este mundo?
Faz-me a este caso notório,
Tu estás no Purgatório,
Ou caíste no profundo?

RODRIGO
No Purgatório estou,
Padecendo grandes penas,
Por minhas culpas e pecados
Que é de Deus justiça recta.

BISPO
Pois morrendo em mau estado, te
salvaste?

RODRIGO
Considera que é Deus misericordioso?
Para aqueles que contritos,
Banham sua cara e olhos,
Chorando os seus delitos,
E fui meu senhor tão grande,
Esta dor de contrição
Que cai logo no chão,
Por dois mil anos senhor,
Eu me sentenciei de penas,
O Purgatório e enfim,
Foi minha rogação aceite,
Faz padre bem por minha alma,
Eu suplico-te deveras,
Pois em aquele lugar,
Não se vêem senão trevas,
Obscuridade e pranto,
De horríveis vozes horrendas,
Há cidades tenebrosas
Com castelos e prisões,
Aonde penam as almas,
Os castigos das paixões,
Uns acusam a outros
Com trombetas e pregões
Publicando seus delitos,
Por estarem muito aflitos
Tão diferentes martírios,
Que não se atreve a minha língua
A explicá-lo: queres padre,
Ver uma alma ou uma senha,
Das dores que ali se passam?

Abre a mão e recebe,
Da dor que ali me atormenta,
Simplesmente uma gota.

*Pega-lhe na mão mas o Bispo, queimando-se,
solta-lha e sacudindo a sua diz também o Bispo:*

BISPO
Oh Deus, que morro!
Que me abraso!

RODRIGO
Meu senhor, de mim te acordes.

Cai e morre. Sai Fernando e o Alcaide.

FERNANDO
Que é isto que deita fumo?

BISPO
No Purgatório está (*apontando-a*)
E padece penas atrozes
Os sinos dobrem as vozes
A fazer bem pela alma já
Que são mui grandes as penas
Que nesse lugar padece
Segundo sua dor mostra
Em sufrágios, missas e honras
Gastemos toda a fazenda.

ALCAIDE
Que tem visto meu senhor?

BISPO
Ai que me atravessa a mão
Uma gota daquele fogo.

ALCAIDE
Deus de ti se compadeça.

BISPO
Trazei os dois meu sobrinho.

AMBOS
Vamos com ele à Igreja.

*Vão-se. Ressoam os sinos ou coisa parecida.
Depois haverá rugido de dentro e diz o rei saindo
com fúria.*

REI

Às armas, às armas, soldados
Toda esta gente feneça.

DENTRO

Misericórdia, piedade,
Tem de nós outra clemência.

REI

Vamos soldados às armas,
Toda esta gente feneça:
Não tendes piedade nenhuma,
Se não rigor e braveza;
Tudo¹⁵³ sejam crueldades,
Não fique *bislumbre* nem senha¹⁵⁴,
De vivente racional;
Que de entre fidalga e plebeia
Não seja espelho triste,
Duma enlutada¹⁵⁵ tragédia
Até o palácio do Conde,
Tenho chegado e as portas
Todas fechadas se encontram
Como se do meu furor
Tivessem de se libertar.
Ah do palácio! Abri!
Feros inimigos que estais surdos
Se não vereis *inundialo*
E reduzidos a cinzas
Os muros deste palácio.

Dentro.

Misericórdia, piedade
Tem de nós outros clemência.

REI

Clemência pedis, traidor,
Olá, franqueai-me as portas
Ah do palácio, saí,
A que vos veja, miseráveis,
Um rei que buscar-vos vem
Não vês que é pessoa régia?

*No alto da muralha sai o Conde com um
menino e a Infanta com outro aos peitos e diz o
Conde:*

Misericórdia, gran rei,

Tem de nós outros clemência.
Compadece-te de ver,
Toda a cidade deserta,
Pois todos seus moradores
Têm perecido à força,
À ira do teu castigo
E das rigorosas frechas,
Do homem sanguinolento,
Que destroça, abrasa e queima;
Não te lastimas de ver,
Uma mãe que alimenta,
A seus filhos pequeninos,
Corta suas mãos mesmas,
Um braço para sustento,
Daquelas viventas prendas?
E o pai como seu filho,
O filho sua mãe mesma?
E não *contento* com ver,
Tão lamentável tragédia,
Com espada do rigor;
Vens senhor às minhas portas?
Não te move, gran senhor,
A lástima e a clemência,
Ver dois netos pequeninos,
Que mas balbuciantes línguas
Sem pronunciar um acento,
Que és seu avô *gorgeiam*?

INFANTA

Meu pai, meu rei e senhor,
Perdoa nossas ofensas,
Redime nossos agravos,
Que a *magestade* suprema,
De Deus nos ensina a todos,
Que perdoemos as dívidas,
Ou ofensas do inimigo,
Se isto não te faz força,
Ao que o teu valor mitiga,
Bastam, senhor, as tragédias,
Que tens feito em nossas terras,
Em nossos trinta vassalos;
Oh! Meu pai e senhor...

REI

Fecha os lábios, falsa filha,
Essa tua infame¹⁵⁶ proposta,
Não pronuncies atrevida!
Eu teu pai antes o era,
Agora sou basilisco¹⁵⁷,

¹⁵³ “Todo”, em ambas as versões.

¹⁵⁴ “sombra”, na outra versão.

¹⁵⁵ “exultada”, na outra versão.

¹⁵⁶ Na outra versão lê-se “falsa”.

Sou tigre, sou uma fera,
Somente beber intento,
Em vosso sangue traidora!
Até secar vossas veias
E se não abris o palácio
Franqueando-me essas portas,
Vereis a maior crueldade
Que tem gerado a cautela
Pois abrasando-o todo
Assegurarei a empresa.

MENINO
Não nos maltrateis meu avô
Não a meus pais dêis mais penas.

REI
Infame avô me chamaste,
Vai-te da minha presença.

MENINO
Não me quereis?

REI
Aborreço-te.

MENINO
Quem o permite?

REI
Tua estrela.

MENINO
Quem o ocasiona?

REI
Teus pais.

MENINO
Que te hão feito?

REI
Uma traição.

MENINO
E que faremos?

REI
Morrer.

MENINO
Não há remédio?

REI
Não se encontra.

MENINO
Nunca verás bom avô
Quando aos teus netos desprezas.

CONDE
Tem piedade, gran rei,
Tem dos meninos clemência,
Já não é por ser teu sangue,
Mas por inocentes *sequera*¹⁵⁸.

REI
Até não ver vosso sangue
Não pára a minha *perreza*¹⁵⁹.

CONDE
Esposa querida e filhos,
A divina providência,
Dê socorro a nossas vidas,
Se houve tantas misérias
Pois nos vemos tão cercados
Sendo por Deus, venham penas.

INFANTA
Senhor, venham mais trabalhos,
Se por vós estou disposta,
A padecê-los constante.

MENINO
Não te abrandam as finezas,
De minha mãe e tua filha?

REI
Em breve vereis meu furor,
Não há-de ficar no palácio,
Arco, janelas, nem pedras

¹⁵⁷ Criatura mitológica que matava com o olhar. Refira-se igualmente que o seu nome aparece no Antigo Testamento (*Isaias* XI-8, XIV-29, XXX-6, LIX-5; *Provérbios* XXIII-32; *Jeremias* VIII-17 e *Salmos* XC-13), havendo quem sustente que a própria serpente tentadora de Eva (*Gênesis* 3-1, 5) era um basilisco

¹⁵⁸ Cf. mirandês “sequiera” e português “se quer” (ao menos, pelo menos).

¹⁵⁹ Na outra versão existente no CEAMM lê-se “pureza”. Parece-nos, contudo, que “perreza”, embora inexistente mas relacionada com “perro” (cão) é a mais adequada neste contexto.

Que meu furor não desfaça;
Tomei-me a fúria sangrenta;
Eia, bizarros soldados,
Fogo de *alquitrão*¹⁶⁰ se *pervenha*,
Reduzi-me em cinzas
Esta monstruosa opulência.

CONDE
Deus, defenda nossa causa.

REI
Que vos livre da minha soberba.

INFANTA
É seu braço poderoso.

REI
São grandes as minhas forças.

MENINO
Para com Deus tudo é nada. (*Vão-se*).

REI
Pois pede-lhe que vos defenda
Do rigor dos meus soldados.
Estendam-se minhas bandeiras,
Às armas soldados meus,
Caia o edifício a terra.

Atiram tiros e dizem todos dentro:

É grande a onipotência
E se ela o permite vereis
Só fumo, nem pó nem terra.

Vai-se o Rei.

JORNADA TERCEIRA

MÚSICA
Ai que abrasa o palácio,
O rei com sua maldade,
O Conde e a Infanta,
Sairão dele por milagre.

Sai o Rei como de noite.

Já que a noite se veio,

Em seu nocturno silêncio
Com as sombras e pedrinhas,
Meus vingativos desejos,
Solicito uma vingança,
Para adquirir um troféu,
O meu sangue a minha honra,
Para ficar satisfeito,
Dum agravo ocasionado,
Da traição do meu desejo;
Pois a ocasião me brinda,
Os céus sejam testemunhas,
O sol, estrelas e lua,
E o celeste firmamento
Duma temerária ocasião,
Do mais tirano despeito,
E da mais cruel vingança,
Que já mais os homens viram,
Eia valentes soldados,
Já é ocasião do meu empenho.

Acende fogo que dura algum tempo.

Derramai pelo palácio,
O golfo que está em meu peito,
Não fique neste edifício,
Se não [resquício pequeno]
De pedra que não destrua,
O *alquitrão* do meu fogo;
Mas o meu furor me valha,
Que o acelerado incêndio
Se apodera dessas terras,
E assim logro o meu intento
Pois não poderão escapar-se
Meus inimigos soberbos,
Deste perigo que os cerca,
Guerra, guerra, fogo, fogo.

*(Vai-se). Sai o Conde por uma janela a meio
vestir e dá um salto dela para baixo e diz a
Infanta:*

Não haverá quem me socorra?!

MENINO
Meu pai que vivo me queimo?!

CONDE
Água, água¹⁶¹ que me abraso.

¹⁶⁰ Cf. castelhano “alquitrán” (alcatrão).

¹⁶¹ “Agora, agora”, lê-se na outra versão.

Sai agora.

Vingança peço aos céus!
Meu palácio feito forja¹⁶²,
Com meus olhos próprios vejo
Em fogo de *alquitrão* se abrasa,
E suas chamas metem medo,
E pela voracidade¹⁶³,
Se avizinham até ao céu?!
Quem viu traição semelhante?!
Quem viu tão cruel empenho?!
Quem tão temerário caso!
Dum rei enganado e cego?!
Por um postigo à rua,
Me pude escapar do fogo
Batalhando com as chamas,
Já tropeçando e caindo,
Ali encontrando vulcões
Aqui despojos sangrentos,
De meus pajens e criados;
Que ali abrasados os vejo
Em chamas, meus escritórios
E alfaias de grande preço,
Mas o que mais me aflige
Oh! Deus! Grande sofrimento!!!
Para que não chegou a ver
Meus filhos e minha esposa,
Naquelas chamas a arder,
O que o coração suporta,
Esta miserável morte!!!
Já em cinzas desfeitos,
E em carvões já reduzidos,
Se verão; como não morro?
Como esta dor não me acaba,
Para que quero a vida,
Se minha esposa querida,
Naquele fogo arder,
Nem lhe pode valer?!
E meus filhos estimados,
Não havendo criatura,
Que os possa socorrer,
Morrem ali abrasados?!

Dizem dentro a um lado a Infanta e ao outro o menino.

INFANTA

Conde, esposo, que me abraso?!

¹⁶² Na versão digitalizada lê-se “troza”.

¹⁶³ “verocidade” (em ambas as versões).

MENINO

Ai que vivo me queimo?!

CONDE

Ainda vivos prendas queridas?!
Oh! Tu caudaloso fogo,
Que com teu furor abortes,
Montes, castelos e povos,
Não executas teu rigor,
Em tão sincera inocência!
Que a vozes estão pedindo,
Piedade, socorro e clemência!
Olha que é *valiente*
Descarregar neles rendidos,
A espada dá escarmento¹⁶⁴.

MENINO

Meu pai que vivo me queimo!

COUBE

Primeiro um raio me parta,
Querido que eu esquecer-te,
Quero acudir ao remédio.

INFANTA

Conde, amante e doce esposo?!

CONDE

Oh! Terrível confusão!
Já repartido me vejo,
Minha esposa a este lado me chama
Meu filho do outro suplica,
A qual acudirei primeiro?!

MENINO

Meu pai que vivo me queimo!

CONDE

Céus, que vos não posso remediar!

INFANTA

Adeus esposo da alma!

CONDE

Oh! Terrível confusão!
Já te acudo. Mas, oh Deus

¹⁶⁴ Cf. castelhano “escarmiento” (desengano ou aviso adquiridos com a experiência do danou do erro que alguém reconheceu nas suas acções o nas de outrem) e também mirandês “scaremantar” (avisar).

Que já os vulcões deste fogo,
Se apoderam já das nuvens
E redimir-te¹⁶⁵ não posso!
Adeus, prenda da minha alma,
Adeus, adoro-te dono,
Adeus, filho da minha vida,
Chovam sobre mim os céus,
Mil raios, e que na terra,
Me sepultem em seu centro;
Já perdi o rico tesouro,
Para que a vida quero?
Se meus filhos e minha esposa
Ouvi-me campos amenos.

“Sae” uma alma com um menino pela mão e deixa-o ao pé do “pae”, de modo que o não veja à primeira vista e “vae-se” a alma.

Publicai-o aves sonoras,
Cantai regatos por mero,
Das águas gorgolejando¹⁶⁶,
E chorai fontes alegres,
Que as águas estais deitando,
Enquanto meu triste alento,
Em as chuvas de meus olhos,
Acha¹⁶⁷ descanso um momento.

“Sae” outra alma com o outro menino e desde que o deixa diz o menino:

Meu pai, meu querido pai?

CONDE
Céus, que é isto que vejo?
É ilusão do sentido,
Filho querido, que é isto?

Abraçam-se.

MENINO
Benigno o céu comigo,
Se mostrou e sabeí pai,
Que um paraninfo supremo,
De azul e branco vestido,
Quando o rigoroso fogo
Chegava a vingar em mim,
Seus vingativos incêndios;
De *improvido* me livrou,

¹⁶⁵ “redimir-te”.

¹⁶⁶ “groguelejando”.

¹⁶⁷ “Acham” (em ambas as versões).

De aquele perigoso fogo,
E ao pé de ti me deixou.

CONDE
Chega-te mais aqui belo.

Abraçam-se.

E por nova tão feliz,
Demos-lhe graças ao céu.

Sai por outra porta outra alma, com a infanta e desde que deixa diz a Infanta:

Esposo, Conde e senhor?

CONDE
Isto é ilusão ou sonho,
Duma fortuna tão boa,
Que temo fortuna temo,
Que agora me mate o prazer,
Se não me matou um tormento;
Esposa, duvido esta dita,
Filhos o sentido perco,
Esposa dá-me os teus braços.

Abraçam-se.

Branca rosinha em botão
Flor desfolhada à força,
Dum vento traidor e soberbo,
Que despedaça o coração,
É possível que te veja
Restituída a meus braços
Conta-me, esposa, o sucesso.

INFANTA

Um menino lindo e belo,
Mais rápido que as andorinhas
Cortando o voraz incêndio,
Quando de chamas cercada
Lamentava o fim funesto;
E entre congoxas¹⁶⁸ e penas,
Me alagava o sentimento,
Pelos ares me livrou,

¹⁶⁸ Na outra versão lê-se “congoias”. Cf. castelhano “congoja” (angústia, aflição). De referir que a expressão “entre congojas y penas” está presente em muitos textos e romances tradicionais castelhanos.

Daquele perigoso fogo,
E me disse que os quatro,
Com pressa e sem tardar
Nos fôssemos para o castelo,
Para nossos corpos livrar.

CONDE
Que era?

INFANTA
Não o viste?

CONDE
Não vi.

INFANTA
É certo?

CONDE
Em verdade nada vi.

INFANTA
Pois aqui chegou e se foi.
Por diante de ti mesmo.

MENINO
E o que a mim me livrou
Meu pai também não o viste?

CONDE
Não, por certo.

MENINO
Pois perto de vós passou
Mas elevou-se e voou.

CONDE
Esposa, bem sei que são,
Os defuntos que morreram
Em graça de Deus e vêem,
A amparar-nos nos apertos.
E posto que nos avisam,
Vamos ao castelo logo,
A dar-lhe as graças ao céu,
Pelos benefícios feitos
E a rogar pelos defuntos,
Posto que livres nos vemos,
Dum rei cego, um rei usado,
Dum cruel pai, dum mau sogro,
Que ultraja seu sangue próprio,
E perde o respeito ao céu.

Vão-se. Sai o Rei e diz:

Que tanto a fortuna os ajude,
Ficando o seu palácio arruinado,
Tenho notícia que hão livrado,
E o forte de Calhar os encobre.

Sai Luduvico e diz:

Buscando-te tenho vindo rei formoso.

REI
Vindes triunfando da grande conquista.

LUDUVICO
Não há vila nem *logar* que te resista,
Nem castelo forte nem brioso
Lhe resiste a teus soldados valorosos,
Com coragem importuna¹⁶⁹ mui valente
As bandeiras destroçam a sua gente.

REI
Os lugares, castelos e fortes,
Hei-de abrasá-los que é meu gosto,
Esta cidade em gran perigo hei posto,
E seus moradores renderam seus postos.

LUDUVICO
Pois de todo espero me dê parte,
Dos troféus que há empreendido Marte.

REI
Hás-de saber Luduvico,
Que mil anos guarde o céu
Que de todos quantos há
Grandes, medianos e pequenos,
Todos ficaram sem vida,
Portas, castelos e cidades,
Todos ficaram arruinados,
E convertidos em desertos,
Os povos que tributavam
Ao Conde Fabrício ofendo,
E depois destes destroços,
Vi-me com fúria resolvida,
A cercar esta cidade,
Com uma cruel tirania,
Deu-lhe avance a minha gente,
Abatendo cruelmente,
As bandeiras e seus *suptros*¹⁷⁰,

¹⁶⁹ Na outra versão lê-se “infortuna”.

Em seu lugar arvorando,
Roxos e estandartes pretos,
Não tem escapado um à morte,
Uns que se lançavam ao mar,
Outros se chegavam ao fogo,
Outros se davam a morte:
Hás antes de tudo lá dentro,
Gatos, *perros*¹⁷¹ e cavalos,
De pura fome se comeram
A tanto chegou o rigor
E essa cruel tirania
Que o pai comia o seu filho,
E o filho seu pai comia;
Houve algumas mães que tinham
Filhos de peito inocentes,
E vendo morrer a seus filhos,
Por faltar-lhe os alimentos,
Com o sangue de suas veias,
Pela falta do seu peito,
Alimentavam seus filhos,
Com o sangue em vez de leite,
Até que a morte horrível,
Descarregava sobre eles,
O golpe fero e terrível
Cheguei ao palácio do Conde,
E vendo o perigo eles,
As portas todas fecharam,
De puro temor e medo,
Mandeí que fogo lançassem,
Em uma noite o incêndio,
Abrasou todo o palácio,
Até os muros cimeiros,
E quando pensei que tinha,
Conseguido meus desejos,
Soube que o Conde e a Infanta
Com dois filhos pequeninos,
Em o castelo de Calhar,
Se recolheram a lá dentro,
Se amparam, mas já cercados,
Com meus soldados os tenho;
Pegar-lhe fogo ao castelo,
Por impossível o tenho,
Que o contramuro é de pedra,
Mas já que assim não posso,
Vingar meus cruéis enojos,
E para ter gosto contente,
A fome será instrumento

¹⁷⁰ Esta é a forma que nos aparece em ambas as versões mas onde, em nosso entender, se deveria ler “ceptros”.

¹⁷¹ Cf. mirandês e castelhano “perro” (cão).

E acabará com esses despojos.

LUDUVICO

Tem piedade rei e senhor,
Sequer por teus dois netos,
Que parecem dois anjinhos,
Tão pequenos e tenrinhos.
Como homem o Conde pecou,
Ao feito já não há remédio
E o pontífice romano,
Lançou-lhe a excomunhão,
Dá-lhe a Cerdenha perdão,
Já tem deles compaixão,
E perdoe essas ofensas.

REI

Luduvico, tu que pensas?
Sobre defender minha honra
Arrisco a perder meu reino.

LUDUVICO

Tem piedade deles senhor.

REI

Não me dê mais enojos
Que sou Afonso de Espanha,
Contra o Conde de Saldanha,
Até tirar-lhe seus olhos.

Sai o Marquez e traz a Fernando preso.

MARQUEZ

Este correio passava
Num caminho tão ligeiro,
Levava carta para o Conde
E eu fi-lo prisioneiro.

REI

Bem o conheço que é um traidor,
E há chegado a tão bom tempo
Que hei-de executar nele,
A ira e raiva que tenho.

Diz Fernando quase chorando:

Pois que culpa tenho eu?

REI

Inimigo! Viva o céu!
Que do cruel coração meu
Tens sido tu instrumento

Com tuas alcovitices.

FERNANDO
Olhe lá, veja o que diz,
Trate-me como quem sou,
E o tratar mal seja pouco,
E advirta que sou louco,
Mas dos melhores cristãos,
Que há em mais de mil reinos.

REI
Pois enforca-me esse cristão
Tão infame e tão perverso.

FERNANDO
Por Cristo me castigais.

REI
Por mau cristão pelo menos,
Deita-lhe ao pescoço o cordel.

FERNANDO
Senhor eu vo-lo agradeço.
(Isto dizia-o para Deus)
E dou-o por bem recebido.

MARQUEZ
Já estava prevenido,
Aqui este caneleiro
Agora grande sendeiro,
Dele vou pendurar-te eu.

FERNANDO
Caneleiro sou eu, Judas Fariseu.

REI
Nós outros entretanto e não
Ao castelo volveremos
A buscar o Conde ingrato
E se não revistaremos
O seu templo e veremos
Se nele se oculta esse traidor.

Vão-se.

FERNANDO
Vejo que estou num cemitério
E que esta terra é sagrada.

MARQUEZ
Vem traidor.

FERNANDO *(chora)*
Herege, espera,
Deixa-me rezar um credo
Que leve o diabo a vontade
Que de morrer agora tenho.

MARQUEZ
Já tendes posto o cordel.

FERNANDO
Justiça peço aos céus
Que me levam a enforcar
A uma árvore dos infernos.

MARQUEZ
Eia, encomenda-te a Deus.

FERNANDO
Que cuidado tem ele em mim
Pensa que morro com gosto?
Dê-me sua vida e troquemos.
Mas já soberano Deus
Como dum sonho recordo
E ao pescoço um forte laço
Meus inimigos têm posto!
Contento estou em saber
Que morro num cemitério,
Porque a minha tenção
Era rogar pelos defuntos,
Ouvi defuntos soberanos
Os que já estais nos céus
Como não volveis por mim,
Neste passo tão tremendo?!

*Saem duas almas dos sepulcros com paus de
alívio e dão porradas no Marquez.*

1ª ALMA
Fora, aparta vilão.

Dá pancadas.

MARQUEZ
Santo Deus, que será isto?
É um caso nunca visto
O ressurgirem os mortos.

2ª ALMA
Deixa livre este devoto.

Dá-lhe pancadas.

MARQUEZ
Ai, que me matam!
Ai, que feneço!

Vão-se retirando as almas atrás dele. Fala com alegria.

FERNANDO
Vitória pelos defuntos,
Que por eu rogar por eles,
Nesta ocasião me valeram.

AS DUAS ALMAS
Vem connosco,
Que em salvo te poremos.

Vão-se. Sai o Rei e Luduvico e diz o Rei:

Que não acham a estes tiranos
Meus vingativos cuidados
Registai fortes soldados,
Esses templos soberanos,
Subi a todas as partes,
Ide à torre, à tribuna,
Não deixeis coisa nenhuma,
Sacai-os logo daqui.
Essas alturas olhai,
Capelas e sacristias,
Das abóbadas mais frias,
Os sepulcros registai.

Golpeiam dentro, tocam os sinos e dizem dentro os defuntos.

DENTRO
Rei cruel, rei inumano¹⁷²,
Não persigas mais o Conde.

Sai o Marquez e os soldados assustados.

MARQUEZ
Senhor, senhor os defuntos
Nos hão lançado a *empuxões*,
Dando-nos *muchicões*,
Que vêem mais de mil juntos.

REI
Que temor meu peito esconde
Ó que ruído tão estranho!
As mãos e pés absortos,
Hão ficado quase em ver,
Que assim querem defender
A este tirano os mortos?

LUDUVICO
Tu que tens?
Não estás em ti?

REI
Que correm a igreja quero,
Porque o Conde e feiticeiro,
Deixai-o, vamos daqui,
Em algumas doutras redes,
Ele há-de vir cair, vamos,
Que nos fazem já tremer,
Estas sagradas paredes.

Vão-se. Sai o Conde com o menino maior pela mão e a Infanta com outro ao colo.

CONDE
Oh! Virgem Santa divina,
Dos pecadores auxílio,
Vamos senhora fugindo,
Deste vento transversal,
A necessidade obriga a tal
Oh! Mãe de quem vos implora,
Saímos do castelo agora,
A buscar o alimento,
Três dias são acabados,
Que os nossos débeis corpos,
Não têm recebido manjar,
Da pão, água ou refrigério,
Que possa servir de alívio,
E nos possa dar sustento;
Porque o sinto, senhora,
Por estes meninos pequenos,
Por minha aflita esposa,
Isto é o que choro e sinto,
Em traje de peregrinos,
Por uma mina que temos,
Lá no castelo, saímos
Para não ser descobertos
A pedir uma esmola,
Para dar à vida sustento
Pois este rei de Sicília
Assolou o da Cerdenha

¹⁷² “enhumano”, em ambas as versões.

Antes que a noite feche
A cortina do seu véu,
Busquemos, querida infanta,
Albergue em seus tocos lenhos
Vamos caminhando, esposa,
Oh! Meus filhos caminhemos
Por esta áspera montanha,
Que Deus nos dará remédio
Se David foi perseguido,
Eu perseguido me vejo,
Ele dum Saúl invejoso,
Eu dum Baltazar soberbo.

INFANTA

Oh! Quanto Conde e senhor
Estas tiranias sinto?
Mas Deus nos há-de defender
Tenhamos nele confiança.

MENINO

Meu pai a sede me aflige
Não haverá água para mim?

CONDE

Ai filho da minha vida,
Olhos que tal estais vendo
Sede fontes a manar água,
Pontes que alagueis meu peito
Defuntos que estais em graça,
De Deus sagrado e eterno
Remediai minhas aflições!

*Saem duas almas, uma por uma porta, e uma
traz pão numa cesta e outra traz água num vaso
e diz a 1ª alma:*

1ª ALMA

Já vos favorecem os céus
Pelo bem que fazeis ambos,
Sempre por vós olhamos,
Que assim no-lo manda Deus;
Aqui vos trago o alimento,
Para escapar com as vidas.

2ª ALMA

E eu vos trago as bebidas,
Para restituirdes a vida,
E para aplacardes a sede
Sentai-vos sem temor nem medo,
Da cruel fúria do rei,
Que a vosso lado estamos

Guardando vossas pessoas.

CONDE

Deus soberano e Eterno,
De favores tão colmados
Eu indigno me confesso.

REI, *dentro:*

Registai esses castelos,
Olhai se se ocultaram dentro.

INFANTA

Ai! Meu pai!¹⁷³

MENINO

Ai, meu pai!

1ª ALMA

Deixai à parte¹⁷⁴ o receio,
Comei e sustentai as vidas.

Sentam-se a comer.

Que por mandado do céu
A vosso lado estaremos.

2ª ALMA

E porque vossos desejos
Se cumpram por esses ares,
Em pouco tempo vos poremos
Na grande cidade de Deus,
Aonde o rei usado¹⁷⁵ e cego
Intenta dar o assalto
Perdendo a Deus o respeito.

1ª ALMA

Mas perderá a batalha,
Que um exército soberbo
Virá a defender gran Conde
Seus muros, castelos e casas.

CONDE

Pois se as nossas sentinelas
São almas justas e santos
Não tenhamos medo a tantas
Traições que nos defendem elas.

¹⁷³ “Ai meu pai”, na outra versão.

¹⁷⁴ “à porta”, na outra versão.

¹⁷⁵ Forma idêntica em ambas as versões.

Contudo, a forma mais adequada parece-nos ser “ousado”.

INFANTA

Filhos, o alimento tomemos.

1ª e 2ª ALMA

Comei que entradas defendemos.

Enquanto comem estão de sentinela.

CONDE

Esposa minha,
Come do pão dos céus
Tomai, filhos dos meus olhos.

MENINO

Oh! Que branco e bom é.

INFANTA

Oh! Como o céu piedoso,
Favorável em nosso perigo
Comunica sua piedade.

CONDE

Pois, Infanta, demos-lhe graças ao céu
Pelos favores imensos
Que suas mãos nos preparam,
E agora embaixadores belos,
Do Supremo Criador,
Guiai-nos ao ditoso porto
Da cidade sacrossanta,
Onde os defuntos tenho
Fundada uma confraria.

1ª ALMA

Vem que a salvo te poremos.

2ª ALMA

Vinde, pois.

INFANTA

Grande milagre!

MENINO

Grande portento!

CONDE

Vamos, almas santas, vamos.

1ª ALMA

Vamos, benfeitores nossos.

Vão-se. Sai o Rei e Luduvico e diz o Rei:

O castelo temos ganho,
Não parece o Conde e a Infanta?!

LUDUVICO

Isso te espanta?

Sai o Marquez e diz:

Alvíssaras¹⁷⁶ que temos achado,
Mina do castelo ao mar.

REI

Não há mais,
Marcha tu com os teus
Por esse divino Deus,
Não há Nerão que me iguale
Raivoso estou de pesar,
Tomem-se todas as portas
Seguramente a embarcar
Que nos falta esta ilha
Que conquistar e ganhar.

MARQUEZ

Às tuas tropas e aos teus
Falta a cidade de Deus.

REI

Porque não a tendes ganho,
Forte Mártir?

MARQUEZ

Porque lhe toca esta parte
Ao de Candia.

Vai-se.

REI

Forte mártir
Porque não a tendes ganho?

LUDUVICO

Aqui para entre nós dois,
Que já não ouvem os teus
Porque a cheguei a abater
E ouvi a um soldado dizer
Caia a Cidade de Deus
E reparando na voz,

¹⁷⁶ “Alvíçarar”.

Que o soldado assim chamava,
E que dedicada estava
Aos defuntos e a Deus
Isto passa e por isto,
Respeito ao homem guardei
E assim não a conquistei.

REI
Agora reparas nisto?
Na oração deste inimigo,
Como pode ser directa
Adeus minha gente a cometa.

LUDUVICO
Com isto retirem-se os meus
Não quero que o meu exército
Forme guerras contra Deus.

REI
Que gentis homens são os teus?

LUDUVIOO
Respeito, rei famoso, a Deus,
E contra Deus não guerreio,
Quem contra Deus guerrear
Há-de perder e não ganhar.

REI
Conto cristoso,
É mesmo para admirar,
Tocai às armas soldado.

LUDUVICO
Aos defuntos agravas
E não ao Conde.

REI
Eu os persigo
Em nome de meu inimigo
Eles são nobres e sábios,
E saberão por si viver,
Quem tenha medo que o tenha
Que a ninguém hei-de temer,
Esta cidade assolai
Ide, soldados, bem juntos,
Não tenhais medo aos defuntos
As muralhas abrasai.

*Vão-se. Saem à muralha o Bispo com um
crucifixo na mão, o Conde, a Infanta, o Alcaide*

*e Fernando, todos com clavinas e o menino e diz
o Conde:*

CONDE
Valentes soldados meus,
Capitães de minhas tropas,
Para agora é o valor
Defendei vossas pessoas,
Amparai esta cidade,
Com as armas valorosas,
Não desmaieis vosso alento,
Nem temais as grandes fúrias,
Do inimigo contrário,
Que Deus por nós outros obra,
Ele nos há-de defender
Com sua misericórdia.
Não temais um rei soberbo,
Acompanhado de pompa
Que sua glória vã é fumo
E passa como uma sombra.

BISPO
Oh! Católicos fregueses,
Principais destas paróquias,
E gigantes que mantendes,
Templo de tão altas obras;
Oh! Sacerdotes e leigos,
Dividi-vos como tropas,
Uns marchem ao campo
E outros para as paróquias;
Os sacerdotes de missa
Vistam alvas, cinjam cordas,
E cinza branca como a neve
Sobre as cabeças ponham;
As donzelas e meninos,
Cantando as ladainhas
Irão pelas ruas todas;
Os veneráveis anciãos,
As viúvas e as matronas,
Irão arrastando luto,
E dando aos pobres esmola,
Levarão luzes acesas,
Adorando o sacramento,
E a Virgem da Vitória.

CONDE
Tomai soldados as armas,
Acuda a gente moça,
Sobre os muros que já
Os inimigos assomam;
Vós, alcaide coronel,

Ocupai as praças todas
Com gente e artilharia.

ALCAIDE
Já estão carregadas.

INFANTA
Já o exército do rei,
Por essa praça espaçosa,
Aos muros se vai chegando,
Em duas divisões as tropas.

*Sai o Rei e o Marquez com espadas e tocam
caixas os soldados.*

REI
Eia, valentes soldados,
Se esta ocasião se logra
Digno há-de ser vosso esforço
De aplauso e de vitórias:
O último empenho é este,
A superfície formosa,
A babilónia fazei-a,
Que o mundo chama e nomeia,
Mística cidade de Deus,
Até convertê-la toda,
Em pó e cinzas e nada,
Se antes foi do mundo glória
Marquez, que diz a espia?

MARQUEZ
Que o mesmo bispo em pessoa,
É o que ensina a gente,
Aplicando vitória.

REI
A artilharia avisai,
Que preparem suas peças,
Para que atirem certas,
E vós a cidade cercai
Que eu com eles vou ter,
E já os princípios vou ver
Mas alerta sempre estai
D. Andrés as chaves dai
Desta fortaleza heróica.

CONDE
Com que arrogância as pede?

BISPO
Isso ao Alcaide lhe toca.

28
FERNANDO
As chaves pede?
A ganhar as de S. Pedro a Roma.

REI
Não ofenderei esta cidade,
Como me deis a chave
Do Conde traidor e a Infanta.

FERNANDO
Perdoe que não há esmola.

REI
Considera que a Cerdenha
Tenho arruinado toda,
Salvo as vilas e povos
Pediram misericórdia;
Todos os tributos pagam
A mim uma grande soma
Quem por duas pessoas quer
Cidade ver arder
Em chamas como Sodoma?

CONDE
Tudo o que vês presente
É de teus netos e adorna
Sua juventude; que te hão feito?
Volve em teu juízo torna!

REI
Porque inimigo me chamas
Quando a honra defendo?

BISPO
Esses que a Deus defenderam
A sua glória pretendem,
E os demais à glória vão,
Olha que o Conde e a Infanta,
Estão casados e gozam,
Do fruto da sua bênção,
E contra Deus te levantas,
Perseguindo o sacramento do
matrimónio.

REI
Traidor, não estejas a pregar
Porque esses sermões teus
Provocam os ferozes meus,
Ide uma peça disparar.

Disparam a peça.

MARQUEZ

Já atiraram.

BISPO

Valha-me Nossa Senhora!

MENINO

Já deram morte a meu tio!

BISPO

Santo Deus, Virgem Piedosa

Dai-me, amigos, confissão.

Morre.

REI

Caia esta Babilónia.

CONDE

Os mortos a quem ofendes

Se levantam contra ti;

Ouve-me rei.

REI

Diz¹⁷⁷ o que intentas ou me pretendes.

CONDE

Se queres fazer as pazes

É o que quero dizer-te.

REI

Agora pedes as pazes,

Não tenho porque temer-te,

Hei-de ferir-te deveras

Já podes tê-lo por certo.

CONDE

Já me rendo aos teus tormentos

E teu rigor não me espanta,

Como não peças a Infanta

Meu irmão levou-o Deus

Das mãos da tua crueldade,

Deixa livre esta cidade

Meus filhos e morra eu;

Não uses de crueldade

Com meus filhos e tua filha,

No demais em toda vida,

Executa a crueldade.

REI

A infanta e teus filhos quero

A ti e à cidade também

Seus muros em terra *dem*¹⁷⁸.

MENINO

Pois primeiro dá-me a morte,

Antes que meu pai a suporte.

REI

Eu te trocarei a sorte,

Tu morrerás na traseira.

INFANTA

Cruel és.

REI

Sou fero.

MENINO

Mau avô!

REI

Sou a ira.

CONDE

Impossível que o *cente* vira.

REI

Valente praticador

Eia, disparai soldados

Ressoem as caixas ousados,

Executai crueldade.

Sai Luduvico com pressa.

LUDUVICO

Rei Baltazar invencível

Famoso em letras e armas,

Manda retirar a gente

Demos pois a volta à Itália

Não persigas mais o Conde

Nem dêes pesar à Infanta

Que um exército famoso

Bem à vista de Calhar

Penso que é do Padre Santo

¹⁷⁷ “Dies”, numa versão; “dizes”, na outra.

¹⁷⁸ Por “dêem”.

Ou de novo rei de Espanha
E está coberta a campanha,
Ó rei, embarca-te, embarca-te,
Ou dispõe para a batalha,
Que atemorizam os montes
As tropas ou suas caixas
Que vêem a sangue e fogo
Em defesa desta pátria
Todos vestidos de branco
Com coroas de esmeraldas.

REI

Se tu temes, eu não temo,
Não tenho temor de nada.

Virão assomando uma porção de meninos ao longe, em duas fileiras com ramos, campainhas, espadas e fé.

Virá D, Rodrigo como capitão do exército na frente, a cavalo num cavalo branco e ele também de branco como o seu exército, trará uma lança e ao mesmo se sobem ao “taboado” e dão a batalha entrando e saindo.

CONDE

Que exército tão famoso,
E que insígnias¹⁷⁹ tão bizarras.

INFANTA

Sem duvida é o Padre Santo
Que numeroso esquadrão.

REI

São aqueles?

LUDUVICO

Aquelas são.

Vai-se.

REI

Soltados que vestem albas.

Tocam caixas.

Farão pouca resistência
Entre a gente em batalha
Arruinem estes edifícios.

RODRIGO

Reprime, rei, a soberba,
Que em breve¹⁸⁰ todas as fúrias
Hás-de ver aniquiladas;
Guarde-te Deus, nobre Conde;

Entra ao “taboado” agora.

Estais em boa hora Infanta?
Com os demais que habitais
A cidade soberana?
O exército presente
Sabei que somos almas
Que haveis presentado a Deus
Com vossas honras sagradas;
Conde, ver o que nos mandas,
Pois que a servir-te viemos,
Posto que estás em graça
D. Rodrigo, teu sobrinho,
É o que presente te fala,
Que pelos muitos sufrágios,
Que a cidade celebrada,
Merece pelos defuntos,
Goza a celestial pátria,
Junto com todo este exército,
Que a esta presa me acompanha
Agradecer de gosto viemos,
A dar-te graças,
E a defender a cidade
Com teus palácios e casas
Para que gozes contente
Tu, teus filhos e a Infanta
Sentes muito a desgraça
Da conquista deste rei
E ver tua terra arruinada.

CONDE

Mais sinto, sobrinho amado,
Conhecer as grandes faltas,
Que fazeis ao purgatório,
Sendo um mau sogro a causa.

RODRIGO

Não ouvis... (*Aos meninos*)
As celestiais palavras,
Do Conde a Deus dirigidas
E tão nascidas da alma?

¹⁷⁹ “ensignas” numa versão, “ensignes” na outra.

¹⁸⁰ “brebe”.

1ª ALMA
Viva o Conde de Cerdenha
A infanta e sua casa.

2ª ALMA
E morra o Rei de Sicília¹⁸¹
Pois Deus assim no-lo manda.

REI
Morra a Infanta e o Conde.

Vai-se.

1ª e 2ª ALMAS
Viva o Conde e a Infanta.

Agora D. Rodrigo sobe ao “taboado” com o exército e entram dentro dando batalha com o rei, Marquez e mais soldados, mas os sicilianos fogem.

RODRIGO
Eia nobres companheiros
Lançai desta cidade santa
Tão perversos inimigos.

Dentro.

Fujamos todos daqui.

Outros.

Fujamos, fujamos.

Entram e saem fugindo.

RODRIGO
Morrám. Defendei a Pátria.

INFANTA
Conde, olha aqueles meninos
Como sabem batalhar?

CONDE
Bem vejo que a sua espada
Bem a sabem manejar,
Mas que estou a esperar,
É [ver] como esta canalha

Deserta deixa a cidade
E a nossa *luzida* gente
As seguem com brevidade.
Aclamando todos juntos,
Vitória pelos defuntos.

Saem os meninos por várias portas e sai também o diabo trazendo ao rei preso pelo pescoço com dois leões dos lados e diz a 1ª alma:

1ª ALMA
Vitória pêlos defuntos
Vira a cidade Sagrada.

2ª ALMA
E morra o rei de Sicília
Pois Deus assim no-lo manda.

RODRIGO
Esta é justiça recta
Divina, santa e perversa,
Que manda o Sempiterno Pai,
Fazei que nesta humildade
Publicamente lhe demos
A morte, ao rei da Sicília
Pelos agravos que há feito.
Pegando fogo às vilas,
Sem reverência nenhuma
Dessas Igrejas benditas
Todo são contra ti vozes
As almas pedem justiça
Que por tua causa cessaram¹⁸²
Os sufrágios e as missas
Mataste o vigário Santo
Desta Santa monarquia
E por destruidor deste reino,
Mandam tirar-te a vida.

REI
Deixa-me, besta feroz,
Deixa-me, fero inimigo,
Não assim meu valor suspendas.

LUSBEL
Licença tenho de Deus
Para te tirar a vida.

INFANTA
Valei a meu pai agora

¹⁸¹ Na versão digitalizada lê-se “Cicilia”.

¹⁸² “secaram”.

Sagrada Virgem Maria.

CONDE

Divino sol de Justiça,
Não deis a morte a meu sogro
Dos demónios o livrai;
Oh! Defuntos soberanos.

Apontando-os.

Oh! Divina justiça
Pedí que aplaque sua ira.

RODRIGO

Pelo grande rei da Sicília
Todos roguemos a Deus.

*(Isto é para os meninos). Ajoelham todos,
olhando para o céu como em oração e diz Lusbel:*

LUSBEL

Misericórdia pedis,
Já é tarde.

REI

Ai de mim! Fero rigor
Valei-me Deus que pereço¹⁸³
Confesso Deus e Senhor
Que em breve tempo feneço;
E que o inferno mereço
Pela loucura e rigor
Segui o meu apetite
Vingando-me de meu genro
Vou Condenado ao inferno
Por teu poder infinito
(Põe-se de joelhos)
Senhor, com que hei-de pagar
Tanto homem como hei morto,
No campo descoberto posto
E saqueei¹⁸⁴ em todo o lugar
Oh! Meu Deus, poderei satisfazer
Tantas igrejas roubadas,
E donzelas desonradas
Que no exército aluguei?
Também paguei a Luteranos
Soldo em meu campo real
Que fizeram infinito mal
Em teus templos soberanos.

¹⁸³ “pereço”, em ambas as versões.

¹⁸⁴ “assqueei”, na versão digitalizada, enquanto que na outra se lê “asaqueiei”.

(Chora).

LUSBEL

Por estar condenado choras
Não te há-de valer
Hoje há-de baixar a arder
Com Satanaz e Lúcifer.

REI

A vida estou acabando,
*Desagrado*¹⁸⁵ sem excesso,
Misericórdia¹⁸⁶ te peço,
Que já estou expirando;
Soberano Redemtor
Perdão te peço humilhado,
Faz-mo digno desta graça
Mezericórdia Senhor!

*(Morre). Os diabos o arrastam para o levarem
para o Inferno, mas levanta-se D. Rodrigo e os
meninos e diz:*

RODRIGO

Bestas ferozes, apartai.

LUSBEL

Ó Rodrigo, que me queres?

RODRIGO

Espero: doeu-se do pecado.

1ª ALMA

Está de Deus perdoado.

2ª ALMA

O seu perdão está alcançado.

LUSBEL

Renego do meu poder,
Que é tão curto e limitado,
Corrido e envergonhado
Para o Inferno me vou.

Funde-se disparando um tiro.

RODRIGO

Vinde, abri sem temor

¹⁸⁵. Forma castelhana, particípio passado do verbo “desangrar” (esvair-se em sangue).

¹⁸⁶ “Mezericordia” na versão digitalizada; “Misiricordia” na outra versão.

As portas desta cidade,
Que está livre na verdade
Conde que o manda o Senhor.

CONDE
Ao Senhor breve obedeco.

RODRIGO
Ao que é bom Deus não lhe fala.

INFANTA
O dar-lhe fim à batalha
Aos meninos agradeço.

Todos.

Viva a cidade de Deus,
Ganhada pelos defuntos.

Encobre-se o Conde e a Infanta.

RODRIGO
Nobres companheiros meus,
A aclamação só nos falta,
Premiar ao Conde, os seus
Sofrimentos já passados,
Pois que nos mandam os céus,
E em tanto que escutamos,
Ordem tão suprema e santa,
A cidade celebrada
Arquivo de soberanos
Honras, ofertas e missas
Entoai canção sagrada.

Cantam os meninos a coros.

1ª ALMA
O céu e a terra,
Luzeiros da alva,
Louvem propícios
À cidade santa.

2ª ALMA
De Deus [a] sua graça
Está dedicada,
Em fazer sufrágios,
Às benditas almas.

“Sae” o Conde a Infanta e Fernando.

CONDE
Soberanos embaixadores
Das hierarquias¹⁸⁷ altas
Às vossas plantas estou,
A vontade vos ofereço.

FERNANDO
Aos meninos agradeço
O ter livrado minha vida
A vontade vos ofereço.

RODRIGO
Sentai-vos tio e Senhor
Sentai-vos senhora Infanta,
Atendei estes prodígios,
E as raras maravilhas,
Que o céu santo dispões.

Ambos.

Quem mereceu dita tanta?

RODRIGO
Nobre Conde de Cerdenha
Inventíssimo monarca
Oh! Quanto o céu vos *agrata*,
Pela paciência constante,
Em tantas tribulações;
Sua clemência soberana,
À senhora condessa,
Lhe promete uma grinalda
E a vós o ceptro¹⁸⁸ e coroa.
De Sicília hereditária:
Selada....
Rei de Sicília sois, Conde
Em contrapartida de tantas,
As próprias indulgências
As tem já depositadas
No céu de tua piedade
E de tua religião cristã;
Fundou um heróico templo,
Da imaculada e santa,
Mãe de Verbo Encarnado,
Maria cheia de graça,
Redentor do Purgatório
O céu e a terra chamam,
E a ti, Conde e gran rei,
Pelo grande Redentor
Os defuntos vos aclamam,

¹⁸⁷ “geraquias”.

¹⁸⁸ “sceptro”.

Nobres companheiros meus,
Cingi a coroa sacra
Do rei de Sicília ao Conde
Pois Deus assim no-lo manda.

*Com muita reverência irão coroando o Conde e a
Infanta tornando aos seus lugares.*

1ª ALMA

Eu esta coroa te ofereço.

*Põe-lha na cabeça e assim farão os outros,
segundo as ofertas.*

2ª ALMA

Eu este ceptro.

Leva-lho à mão.

3ª ALMA

Eu, esta grinalda¹⁸⁹ de flores.

(Isto é à Infanta)

Com esta constante palma.

1ª ALMA

Eu esta espada (ao Conde).

RODRIGO

Agora companheiros meus

A aclamação só nos falta.

1ª ALMA

O novo rei de Sicília

Viva por idades largas.

2ª ALMA

Viva, viva o fundador

Da cidade sacrossanta.

CONDE

Deus soberano e eterno,

Tanto bem e dita tanta

Fazes com um [vil] escravo.

INFANTA

Meu Deus, infinitas graças

Vos dou por tantos favores

Que fazeis a esta escrava.

RODRIGO

Irmãos, pois já cumprimos

Ordem tão suprema e santa,

E a cidade de Deus

Fica bem assegurada

Nobre Conde de *Cerdenha*.

Gozai em quietude¹⁹⁰ amada,

Vossa esposa e vossos filhos

Que sempre em vossa defesa

Estão as benditas almas

Rogando por vós sempre, ámen.

FIM

¹⁸⁹ A forma que nos aparece em ambas as versões é “girnaldá”, ou seja, sem a metátese que originou a forma “grinalda”. Cf. igualmente o castelhano “guirnalda”.

¹⁹⁰ “enquietude”.